



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E CULTURA QUILOMBOLA: Um diagnóstico do Ensino
das Práticas Corporais na Escola Quilombola Santo André em Abaetetuba-PA e suas relações
com a Cultura Quilombola

JONAS GOMES PINHEIRO

BELÉM-PA

2022

JONAS GOMES PINHEIRO

EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E CULTURA QUILOMBOLA: Um diagnóstico do Ensino das Práticas Corporais na Escola Quilombola Santo André em Abaetetuba-PA e suas relações com a Cultura Quilombola

Trabalho Final de Conclusão de Curso apresentado a Faculdade de Educação Física da Universidade Federal do Pará como requisito básico para a conclusão do Curso de Licenciatura em Educação Física do Instituto de Ciências da Educação.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Nazareno Ferreira Borges

BELÉM-PA

2022

TERMO DE APROVAÇÃO

JONAS GOMES PINHEIRO

EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E CULTURA QUILOMBOLA: Um diagnóstico do Ensino das Práticas Corporais na Escola Quilombola Santo André em Abaetetuba-PA e suas relações com a Cultura Quilombola

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação Física (FEF), do Instituto de Ciências da Educação (ICED), da Universidade Federal do Pará (UFPA), como requisito para a obtenção do grau de Licenciado em Educação Física.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Carlos Nazareno Ferreira Borges
Universidade Federal do Pará – UFPA – Orientador

Profa. Dr. Lucília da Silva Matos
Universidade Federal do Pará – UFPA – Examinadora

Prof. Ms. Renan Santos Furtado
Universidade Federal do Pará – UFPA – Examinador

Conceito: _____

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho primeiramente a Deus por sempre ter me mantido de pé, aos meus queridos pais Miranilda Gomes Pinheiro e Agostinho Gomes Pinheiro que sempre me orientaram a seguir o caminho certo e me mostraram que a educação era o caminho principal a ser seguido e nunca mediram esforços para que eu e meus irmãos tivéssemos acesso. Tudo que eu sou é graças a eles e cada nova conquista é por eles. E a todos aqueles que fizeram parte dessa trajetória.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela força e pela capacidade de mais essa oportunidade e por todas as bênçãos, que apesar das minhas falhas nunca me abandonou, me sustentando e me mantendo em pé. Gratidão senhor por tudo!

À minha mãe Miranilda Gomes Pinheiro e meu Pai Agostinho Gomes Pinheiro, que são os maiores responsáveis por eu estar concluindo o meu curso, por terem me dado todo o apoio que precisei para chegar nesse tão sonhado momento.

Aos colegas da turma de Educação Física 218 pelo companheirismo, pelos bons encontros, discussões e trocas de experiências, saibam que foi um privilégio dividir essa caminhada com cada um de vocês.

Agradeço em especial ao professor Dr. Carlos Nazareno Ferreira Borges por me acompanhar nesse momento, pela oportunidade de ter sido seu bolsista PIBIC o qual contribuiu muito para minha formação. Agradeço também por me orientar neste trabalho, por todos os ensinamentos, pela paciência e pela dedicação!

Aos companheiros da Associação dos Discentes Quilombolas da UFPA – ADQ pelo apoio e companheirismo nesses 05 anos. Pois desde que entrei na UFPA no meu primeiro curso de Biologia em 2017 a ADQ se tornou minha casa, e cada um de vocês minha família, com vocês compartilhei momentos de muita luta pela nossa permanência dentro da universidade, momentos de tristeza e também de muitas alegrias. Saibam que a torcida de todos nesse processo de construção de meu TCC foi muito importante para que eu prosseguisse.

A Universidade Federal do Pará que através de um processo seletivo especial possibilitou que um jovem negro, pobre, quilombola, ribeirinho tivesse a oportunidade de entrar na universidade. Gratidão por toda a assistência e por ser minha segunda casa nesses cinco anos e seis meses. Viva a Universidade pública, gratuita e de qualidade!

Agradeço a Faculdade de Educação Física – FEF e a todos, todas e todes os estudantes do curso que me elegeram como o primeiro quilombola a ocupar o Centro Acadêmico de Educação Física – CAEF da UFPA. Sou muito grato por ter feito parte dessa história e por três anos estar nas lutas do movimento estudantil e ter o CAEF como minha escola política.

Por fim, agradeço também a todas as pessoas que direta ou indiretamente de alguma forma contribuíram e estiveram presentes nessa jornada.

Sou Remanescente de Quilombo
Por isso eu não vou negar
Vida, dignidade e respeito
Por tudo isso que vamos lutar (2x)

Os quilombolas quando falam,
Quando cantam,
Quando dançam
Eles fazem com alegria
Porque estão querendo mais:
Mais na saúde,
Mais na educação,
Mais no transporte pra nossa população
(2X)

(Letra de Antônio Carlos Printes)

RESUMO

Esta é uma pesquisa qualitativa que propõe como tema Educação Física Escolar e Cultura Quilombola: Um diagnóstico do Ensino das Práticas Corporais na Escola Quilombola Santo André em Abaetetuba-PA e suas relações com a Cultura Quilombola. Com as transformações que ocorrem no mundo contemporâneo, é preciso pensar sobre a qualidade do ensino nas escolas principalmente no que se refere ao ensino voltado às escolas que estão em território quilombola, tendo em vista o difícil acesso a educação e a valorização da cultura dessas comunidades. Para a compreensão dos caminhos que levam a qualidade desse ensino, inicialmente foi realizada uma extensa revisão de literatura a partir de diversos autores que discutem e pesquisam sobre a temática da cultura quilombola, das práticas corporais do universo da Educação Física Escolar e das práticas corporais da cultura quilombola para uma melhor compreensão. No segundo momento, foram analisados os dados coletados das entrevistas, a fim de facilitar a compreensão, os dados foram organizados em quatro tópicos: 1) As práticas da cultura quilombola na Escola Quilombola Santo André; 2) ARQUIA e Comunidade: A Participação e o envolvimento com as Práticas Corporais Quilombolas na Escola; 3) Práticas Corporais Quilombolas: Educação Física Escolar e o Projeto Político Pedagógico - PPP; 4) A Contribuição da Educação Física para a Cultura Quilombola, o que serviu para um melhor conhecimento de como a Educação Física vem sendo trabalhada e pensada na Escola Quilombola Santo André em Abaetetuba-Pa. Ao todo, foram entrevistados quatro sujeitos, sendo esses dois professores de Educação Física, um diretor e o presidente da Associação das Comunidades Remanescentes de Quilombo das Ilhas de Abaetetuba, que atuam ou mantêm uma relação com a disciplina de Educação Física e a Cultura Quilombola na Escola. Dessa forma, o presente trabalho procura apresentar de modo geral, como as práticas da cultura quilombola estão ou não percebidas nas aulas de Educação Física e no cotidiano da Escola Quilombola Santo André da comunidade quilombola do Baixo Itacuruça, além de buscar apontar como as práticas da cultura quilombola são compreendidas e vivenciadas por sujeitos responsáveis pelo processo educativo na comunidade. Assim, acredita-se que este trabalho apresenta questões importantes para reflexões do significado das práticas corporais da cultura quilombola na Escola Quilombola Santo André no município de Abaetetuba.

Palavras-chave: Educação Física; Cultura Quilombola; Práticas Corporais; Quilombolas; ARQUIA.

ABSTRACT

This is a qualitative research that proposes as a theme School Physical Education and Quilombola Culture: A diagnosis of the Teaching of Corporal Practices at the Quilombola Santo André School in Abaetetuba-PA and its relations with the Quilombola Culture. With the transformations that occur in the contemporary world, it is necessary to think about the quality of teaching in schools, especially with regard to teaching aimed at schools that are in quilombola territory, in view of the difficult access to education and the appreciation of the culture of these communities. In order to understand the paths that lead to the quality of this teaching, initially an extensive literature review was carried out from several authors who discuss and research on the theme of quilombola culture, body practices in the universe of School Physical Education and body practices in quilombola culture for a better understanding. In the second moment, the data collected from the interviews were analyzed, in order to facilitate understanding, the data were organized into four topics: 1) The practices of quilombola culture at the Quilombola Santo André School; 2) ARQUIA and Community: Participation and involvement with Quilombola Body Practices at School; 3) Quilombola Body Practices: Physical Education at School and the Political Pedagogical Project - PPP; 4) The Contribution of Physical Education to Quilombola Culture, which served for a better understanding of how Physical Education has been worked and thought at the Quilombola Santo André School in Abaetetuba-Pa. Altogether, four subjects were interviewed, these two Physical Education teachers, a director and the president of the Association of Remaining Communities of Quilombo das Ilhas de Abaetetuba, who work or maintain a relationship with the discipline of Physical Education and Quilombola Culture in the School. In this way, the present work seeks to present, in a general way, how the practices of the quilombola culture are or are not perceived in the Physical Education classes and in the daily life of the Quilombola Santo André School of the quilombola community of Baixo Itacuruça, in addition to seeking to point out how the practices of quilombola culture are understood and experienced by individuals responsible for the educational process in the community. Thus, it is believed that this work presents important questions for reflections on the meaning of the corporal practices of the quilombola culture at the Quilombola Santo André School in the municipality of Abaetetuba.

Keywords: Physical Education; Quilombola Culture; Body Practices; Quilombolas; ARCHY.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 JUSTIFICATIVA.....	20
3 OBJETIVOS.....	22
3.1 Objetivo Geral.....	22
3.2 Objetivos Específicos.....	22
4 METODOLOGIA.....	22
5 REVISÃO DA LITERATURA.....	26
5.1 Cultura Quilombola.....	26
5.2 Práticas Corporais do universo da Educação Física Escolar.....	34
5.3 Práticas Corporais da Cultura Quilombola.....	40
6 APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS.....	47
6.1.1 As práticas da cultura quilombola na Escola Quilombola Santo André.....	48
6.2.2 ARQUIA e Comunidade: A participação e o envolvimento com as práticas corporais quilombolas na escola.....	52
6.3.3 Práticas corporais quilombolas: Educação Física escolar e o PPP.....	55
6.4.4 A contribuição da Educação Física para a cultura quilombola.....	61
7 CONCLUSÃO.....	64
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	67
ANEXOS I.....	73
ANEXO II.....	75

1. INTRODUÇÃO

Desde sua implementação nos currículos escolares brasileiros a Educação Física vem desempenhando diferentes funções, com conteúdos que foram sendo modificados ao longo do tempo. A Educação Física hoje tem um papel fundamental no desenvolvimento de pessoas, integrando o educando na cultura corporal, formando assim um cidadão que irá produzi-la e reproduzi-la e transformar-se através de seus conteúdos, buscando sempre uma melhor qualidade de vida e o exercício crítico da cidadania. A Educação Física tem um papel fundamental no desenvolvimento cognitivo, psicomotor, afetivo e social dos indivíduos, sendo uma das disciplinas que é indispensável nas escolas, trazendo uma imensa carga de aprendizado.

A Educação Física é uma área do conhecimento humano ligada às práticas corporais historicamente produzidas pela humanidade. É o processo pedagógico que visa à formação do homem capaz de conduzir-se plenamente em suas atividades. Esta disciplina vai somar, contribuindo bastante com a educação moral e intelectual dos alunos dentro de uma escola, ela vai ajudar o aluno a aprender a se posicionar diante de diferentes questões da vida, seu crescimento e desenvolvimento com várias questões do dia a dia. Este desenvolvimento e sua importância vão depender de alguns aspectos que estão ligados diretamente a cada ser, cada meio que se vive, cada história de vida, cada possibilidade que ele desfruta em seu meio, vai afetar diretamente no desenvolvimento e ritmo de cada um através das práticas corporais.

De acordo com Silva (2014) as características das práticas corporais indicam as potencialidades de um trabalho pedagógico e terapêutico, de formação humana em tudo que permite esse termo. Gonçalves (2020) pontua que a Educação Física enquanto área do conhecimento tem o papel de possibilitar uma compreensão de mundo diferenciada, para que a partir disso possa imprimir mudanças nas formas com que os estudantes se relacionam com outras culturas. A Educação Física pode contribuir para o desenvolvimento e ingresso dos estudantes na sociedade de uma forma mais integralizada a partir de sua cultura, pois ao nascer, a criança já se encontra imersa em um meio pré-estabelecido. No sistema de ensino a disciplina de Educação Física é obrigatória a todos os alunos¹. Entretanto, apesar da Educação Física escolar ser uma disciplina obrigatória nas escolas de educação básica, as autoras Prandina e Santos (2016) apontam que nem sempre é valorizada pela sociedade, visto que na maioria das vezes é considerada apenas como uma forma de recreação ou passatempo.

¹ Disponível em <https://www.significados.com.br/educacao-2/> Acesso em 04/12/2021.

Segundo Furtado (2020) é importante também de se considerar os processos de luta pelo reconhecimento dos docentes da disciplina de Educação Física para a superação do imaginário escolar pejorativo, que trata a Educação Física como uma disciplina de segunda classe. Para Betti e Zuliani (2002), a Educação Física deve assumir a responsabilidade de formar um cidadão capaz de posicionar-se criticamente diante das novas formas da cultura corporal de movimento. Logo, a Educação Física enquanto componente curricular da Educação básica deve assumir então uma outra tarefa: introduzir e integrar o aluno na cultura corporal de movimento, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la, instrumentalizando-o para usufruir do jogo, do esporte, das atividades rítmicas e dança, das ginásticas e práticas de aptidão física, em benefício da qualidade da vida. A Educação Física é de extrema importância na vida de alunos, ensinando-os a se conhecerem melhor, através de seu corpo, movimentos, socialização entre as pessoas e domínio de suas habilidades.

De acordo Furtado (2020), sabe-se das diferenças culturais, políticas, econômicas e pedagógicas existentes em cada região do Brasil, o que fatalmente gera diferentes práticas e formas de organização do conhecimento. Logo, é importante se pensar na diversidade que se tem no país, e que está presente no dia a dia das diversas escolas. Pois, a diversidade pode estar relacionada a diversos fatores, tais como classe econômica, raças, nações, ideologias, capacidade psicológica, etc. Dessa forma, penso que a Educação principalmente na disciplina da Educação Física em comunidades quilombolas é um dos temas importantes a serem discutidos, visto que de acordo com Gonçalves (2020) no Brasil, os povos tradicionais têm suas próprias formas de organização social, seus valores simbólicos, tradições, conhecimentos e processos de constituição de saberes e transmissão cultural para as gerações futuras.

Desta forma a extensão dos direitos no campo educacional gerou a possibilidade dos povos tradicionais se apropriarem da instituição denominada escola, dando-lhe identidade e função específica. Assim, meu objetivo com esta pesquisa é fazer um diagnóstico do ensino das práticas corporais na Escola Quilombola Santo André e suas relações com a Cultura Quilombola. A escolha por investigar a temática foi por entender que o debate sobre o assunto poderá trazer aos sujeitos a oportunidade de analisar, ampliar e conhecer mais profundamente as questões que envolvem a temática, assim como acessar códigos de comunicação utilizados pela cultura desses povos, procurando buscar como os profissionais da área e a escola têm direcionado o ensino da Educação Física para esse grupo.

No Brasil as populações remanescentes de quilombo têm uma história de organização marcada por diferentes lutas e resistência ao sistema escravista, bem como pela busca da cidadania e equidade racial, como também, por políticas públicas que visassem à inclusão

dessas populações. O termo quilombo recebe diferentes significados ao longo da história, mas podemos dizer que, em geral, ele se remete às diferentes manifestações territorialmente organizadas de resistência da população de descendência africana. A palavra já era usada em África e, no Brasil colonial, se consolida para fazer referência às comunidades formadas por ex-escravos que se insurgiam contra o sistema escravocrata, organizando núcleos de resistência e sobrevivência comunitária. O exemplo mais conhecido desse tipo de formação é o Quilombo de Palmares, liderado pela figura de Zumbi. Segundo Silva e Melo (2011) Zumbi, que era um escravo fugitivo, junto aos seus companheiros, foi o fundador do quilombo e este serviu como referência para muitos escravos que almejavam a liberdade. Desde o início da história da formação dos quilombos, Zumbi virou um símbolo da resistência do povo negro no Brasil ao regime da escravidão².

Nascimento (2017) explica que quilombos eram lugares onde se refugiam os escravos em fuga, que lutavam por liberdade e onde hoje vivem seus descendentes. Ainda segundo as afirmações de Nascimento (2017), pelo histórico de formação territorial dessas comunidades, pode-se perceber que elas têm origem em movimentos de ocupação do território causados pela fuga dos negros da escravidão em busca de liberdade e de áreas de terra em lugares com beira de rios e de difícil acesso. Entretanto, os termos quilombo e quilombola ganham novos significados após a abolição da escravatura, em 1888, e ressurgem com novos contornos após a aprovação da Constituição de 1988³. Segundo ainda Furtado *et al* (2014) a existência dos quilombos evidencia a ideia de que a escravidão ocorreu a partir de relações violentas e hostis. Além disso, a distribuição dos escravizados e o tráfico se deram em grandes proporções em nosso território, o que ressalta a relevância do tema escravidão para a constituição e formação histórico-cultural da identidade brasileira. Assim, é possível afirmar que existem diferentes histórias e configurações desse povo, considerando o território de origem e as transformações do negro ao longo da história. Ao mesmo tempo, os remanescentes de quilombos têm buscado preservar sua história por meio da memória transmitida de geração a geração.

De acordo com o texto referência para a elaboração das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola (BRASIL, 2011, p. 3), com base no processo histórico de constituição dos quilombolas no país e com a realidade de vida atual dos povos remanescentes de quilombos,

² Disponível em <https://cpisp.org.br/> acesso em 05/04/2022.

³ Disponível em <https://www.infoescola.com/> Acesso em 03/03/2022.

[...] é possível afirmar que a história dessa parcela da população tem sido construída por meio de várias e distintas estratégias de luta, a saber: contra o racismo, pela terra e território, pela vida, pelo respeito à diversidade sociocultural, pela garantia do direito à cidadania, pelo desenvolvimento de políticas públicas que reconheçam, reparem e garantam o direito das comunidades quilombolas à saúde, à moradia, ao trabalho e à educação.

É importante observar que todas as desigualdades sociais sofridas pelas populações historicamente excluídas vêm se perpetuando ao longo da história da humanidade, especialmente os povos quilombolas, os grupos indígenas e as populações tradicionais. Na educação quilombola encontramos homens e mulheres carregados de saberes, sonhos, memórias e uma profunda diversidade cultural, que, inevitavelmente, marcam a escola e as formas de ensinar e aprender que se manifestam na ação pedagógica dentro e fora das instituições escolares. Atualmente as comunidades quilombolas estão presentes em todo o território brasileiro, e nelas se encontra uma rica cultura, baseada na ancestralidade negra, indígena e branca. Segundo Furtado *et al* (2014) atualmente, essas comunidades sofrem com a falta de infraestrutura como: escola, saneamento básico, estradas asfaltadas, transporte público etc. Pelo fato de a maioria ser constituída por agricultores, sofrem com invasões de grileiros e com incipientes financiamentos, pois muitos não possuem títulos de suas terras.

De acordo com informações contidas no *site* (palmares.gov.br), na Fundação Cultural Palmares, existem 1209 comunidades quilombolas registradas no Brasil e 143 áreas quilombolas com terras tituladas⁴. Entre os estados brasileiros onde se encontra o maior número de quilombos se tem com exceção do Acre, Roraima e Distrito Federal, todos os estados brasileiros possuem quilombos. Apesar do Distrito Federal não possui-los, nas regiões do entorno distrital pertencentes a Goiás eles estão presentes. Os estados brasileiros com o maior número de comunidades remanescentes de quilombos são Bahia, que possui 229 quilombos cadastrados; Maranhão, com 112; Minas Gerais, com 89; e Pará, com 81 comunidades quilombolas cadastradas⁵. No entanto, a educação oferecida a essas comunidades ainda é extremamente precária⁶.

Os quilombolas ainda sofrem com a dificuldade no acesso à saúde e à educação. Segundo Pedroza *et al* (2018) se considerar os saberes advindos da cultura afro-brasileira, em especial de comunidades quilombolas, é possível notar uma invisibilidade desses grupos sociais no currículo escolar e a desconsideração desses conhecimentos nos projetos educacionais. As instalações educacionais são inadequadas, as condições sanitárias são

⁴ Disponível em https://www.palmares.gov.br/?page_id=55946 Acesso em 24/02/2022.

⁵ Disponível em <http://portal.mec.gov.br/> Acesso em 05/04/2022.

⁶ Disponível em https://www.palmares.gov.br/?page_id=55946 Acesso em 24/02/2022.

inapropriadas para o seu funcionamento, não há água potável ou energia elétrica em muitas delas, além de se encontrarem longe das residências de muitos estudantes. Segundo Miranda (2012), não existe escolas em todas as comunidades, e, quando há, apresentam condições precárias de funcionamento e estrutura como bem mencionado anteriormente. Além disso, acredito que em se tratando da disciplina de Educação Física, pode-se apontar também que uma das grandes dificuldades no ensino da disciplina em muitos espaços escolares não só das comunidades quilombolas, está relacionada à falta de materiais e a falta de um espaço adequado para a aplicação e elaboração de uma aula teórica e prática que acaba por dificultar a prática docente.

Segundo Ferreira e Felzke (2021), a disciplina de Educação Física, historicamente, manteve-se distante das questões étnico-raciais, sobretudo por estar atrelada a interesses hegemônicos de uma pequena parcela da população, os quais podem ser observados por meio dos fins eugenistas, higienistas e tecnicistas que ela apresentava no espaço escolar. Podemos ver isso de forma mais clara quando os autores pontuam que:

Esse panorama não se restringe a escola, visto que os professores reproduzem, muitas vezes, aquilo que tiveram acesso durante a sua formação profissional. Ou seja, os cursos de graduação em Educação Física colaboram para a constituição desse quadro a partir do momento em que privilegiam alguns temas, como os esportes europeus e norte-americanos, em detrimento das práticas corporais de povos tradicionais, como os indígenas, quilombolas, dentre outros. Na verdade, sem a oferta de subsídios que o possibilite construir um trabalho pedagógico capaz de estabelecer o diálogo entre as diferentes culturas, as instituições de ensino superior limitam a atuação do futuro professor (FERREIRA; FELZKE, p.16, 2021).

Assim, considerando a diversidade populacional e cultural brasileira que é uma característica conhecida, torna-se interessante buscar compreender como se dá o ensino das práticas corporais em uma escola em território quilombola. Pois de acordo com Carril (2017) a questão suscita a pensar processos educacionais que construam ações de reconhecimento dos sujeitos que protagonizam a vida nos territórios quilombolas, buscando pedagogias significativas que articulem com a cultura da comunidade. Dessa forma, é essencial que a prática desenvolvida pelo professor venha respeitar a diversidade cultural da comunidade e atender as necessidades do educando visando à maior participação dos estudantes e demais envolvidos na escola.

Ferreira e Felzke (2021) apontam que o contato intercultural em uma sociedade com tanta diversidade como a nossa é algo corriqueiro, mas que, infelizmente, em muitos casos ocorre por meio da discriminação, do desrespeito e, até, da violência. Logo, torna-se fundamental, então, intervenções no processo formativo das crianças e dos adolescentes, no

sentido de que eles consigam desenvolver as suas relações de modo que as suas singularidades sejam potencializadas, mas sustentadas por princípios de respeito e alteridade. Para isso há necessidade de uma adaptação nos currículos que respeite as especificidades do campo, assim poderá acontecer de verdade uma educação que valorize o povo do campo.

A Lei nº 12.796, de 2013 da Lei de Diretrizes e Base da Educação (LDB) em seu artigo 26, trás uma reflexão que fica explícito:

Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do Ensino Médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos.

Se houver essa adaptação de acordo com a LDB o educador pode garantir que as especificidades do campo, e dos vários sujeitos que fazem parte dele como os ribeirinhos, os extrativistas, os agricultores, os quilombolas e outros, de compreender e valorizar a identidade cultural das populações do campo e ao mesmo tempo integrar no conjunto da sociedade valorizando o currículo desenvolvido na escola. Pois, torna-se importante nesse contexto da educação dos povos tradicionais a especificidade de articular com a diversidade, por meio do respeito às manifestações culturais e de seus modos de vida. Nesse âmbito, é necessário compreender que por meio das lutas e reivindicações dos movimentos negros e antirracistas inúmeras conquistas foram alcançadas na educação quilombola, sendo que uma delas foi a aprovação da Lei Federal nº 10.639/03, que torna obrigatório o ensino da cultura afro-brasileira e africana⁷.

Não se pode negar que a criação da referida lei foi um marco histórico e regulatório da legislação antirracista e teve como consequência a aprovação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana - DCNRERE pelo Conselho Nacional de Educação - CNE⁸, em março de 2004. Mas nada disso será desenvolvido se o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola não contemplar tal ação. Segundo Gonçalves (2020) isso significa que o próprio PPP da instituição escolar ou das organizações educacionais deve considerar as especificidades históricas, culturais, sociais, políticas, econômicas e identitárias das comunidades quilombolas, e isso implica numa gestão democrática da escola que envolve a participação das comunidades escolares, sociais e quilombolas e suas lideranças.

⁷ Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm Acesso em 07/07/2022.

⁸ O CNE tem por missão a busca democrática de alternativas e mecanismos institucionais que possibilitem, no âmbito de sua esfera de competência, assegurar a participação da sociedade no desenvolvimento, aprimoramento e consolidação da educação nacional de qualidade. Disponível em <http://www.brasil.gov.br/> acesso em 07/07/2022.

Diante do contexto do que vimos falando acima, Ferreira (2020) compreende que a Educação Física potencializa a cultura dessas comunidades quilombolas, valorizando as suas especificidades em relação às práticas corporais, tais como danças, esportes, jogos e brincadeiras que marcam as experiências das pessoas que ali se encontram. De acordo ainda com Ferreira e Felzke (2021) é imprescindível que se analise a forma como estão tratando a diversidade, para que assim se organizem ações pedagógicas mais efetivas. Logo, se almejamos uma educação amparada por princípios democráticos, a sua materialização passa por processos educativos que contemplem a todas as pessoas.

Em sua narrativa Cristiane Pereira (2020) destaca aspectos importantes de a educação quilombola fazer parte da diversidade ao afirmar que:

A educação quilombola faz parte desta diversidade e, pensar em uma educação que considere os povos remanescentes requer práticas profissionais fundamentadas em conhecimentos sobre as legislações que nortearão as suas práticas de ensino, mas sobretudo, que compreendam as especificidades das culturas quilombolas, a fim de produzir práticas que as valorizem e contribuam para o seu fortalecimento (p.20).

Holanda e Diallo (2019) ressaltam que as comunidades quilombolas têm um conhecimento de extrema importância, pois significam diretamente luta e resistência. Assim, valorizar, sobretudo conhecer essa cultura, é a maior política de afirmação a qual se pode estabelecer no ensino e na prática docente. Entretanto, segundo Carril (2017), percebe-se uma insuficiência da formação dos professores na área rural, onde estão mais de 90% dos estabelecimentos escolares quilombolas, ou seja, muitos dos docentes que chegam até essas comunidades desconhecem sua história e cultura, possibilitando pontuar que ainda existe uma ausência de conhecimento sobre a realidade quilombola na formação dos professores de Educação Física que atuam nessas comunidades. Em acordo com Carril (2017) é possível ainda se observar muito forte nas comunidades quilombolas a dificuldade de muitos professores em pensar práticas de ensino favoráveis a esses sujeitos e sua cultura, visto que a grande maioria de professores de Educação Física que são alocados nessas escolas não são pessoas formadas da comunidade, muitos são contratados vindos da zona urbana com pouco ou nenhum conhecimento sobre a cultura, e da vivência da realidade daquela comunidade.

Importante frisar que minha intenção aqui não é de generalizar apontando que professores advindos da zona urbana para atuar em comunidades quilombolas não sejam profissionais competentes, muito pelo contrário, a discussão aqui é de que esses professores durante o seu processo de formação inicial e continuada sejam estimulados e preparados para conhecer sobre os povos tradicionais, ou seja, sua cultura e pensar práticas de ensino que sejam significativas para esses povos, respeitando os seus saberes e assim desenvolver um

bom trabalho. Pereira (2020) reforça que se percebe uma necessidade de se usar práticas pedagógicas que busquem resgatar a cultura da comunidade quilombola. Seguindo ainda Carril (2017) a escola não pode mais permanecer atuando perante os seus alunos, ideologicamente, como se todos fossem iguais, para isso se torna necessário uma adaptação à realidade local, uma necessidade que o professor de Educação Física procure metodologias de ensino adequadas para possibilitar a inclusão de todos os alunos em suas aulas, sempre respeitando e resgatando a cultura local.

Segundo Furtado (2020), constitucionalmente, a educação é um direito inalienável de todas e todos, dever do Estado e da família, numa relação direta e colaborativa da sociedade. As leis brasileiras garantem o respeito pleno às especificidades étnico-culturais e o fomento à pluralidade de ideias, mas só existir não é necessário, é preciso que essas leis sejam de fato respeitadas e colocadas em prática principalmente no contexto escolar, e a Educação Física precisa estar diretamente na busca pelo respeito pleno às especificidades étnico-culturais. Nesse sentido, Ferreira e Felzke (2021) enfatizam que a Educação Física é responsável pelo trabalho com as práticas corporais, que expressam os caracteres de uma determinada cultura, identificados em diversas sistematizações de movimentos corporais. Nesse sentido, Ferreira (2020) destaca que as diferentes práticas corporais são formas legítimas de manifestação cultural das comunidades Quilombolas, cujo objetivo é proporcionar a sua valorização étnica. Podemos notar isso na fala de Cardoso *et al* os quais ressaltam que:

As comunidades quilombolas possuem particularidades que são de grande utilidade no mundo do movimento e desenvolvimento humano, pois possuem aspectos naturais e práticas corporais capazes de enriquecer a cultura moderna por ainda carregar uma bagagem histórica herdadas dos seus antepassados. (2019, p.7).

Para Ferreira (2020), as práticas corporais são parte integrante da cultura de qualquer grupo social. É precisamente, por meio das práticas, que esses grupos constroem relações sociais que expressam significados forjados em sua consciência coletiva. Dessa forma, a Educação Física como disciplina componente do currículo escolar deve contribuir para um processo de formação crítica. No entanto, sabemos que existe uma luta constante para que as aulas de Educação Física não fiquem voltadas somente na esportivização de seus conteúdos ou que permaneça tendo como conteúdo de ensino somente o esporte (futebol), que em consequência acaba por gerar uma participação pequena de alguns alunos que já têm certa familiaridade com o conteúdo esportivo.

Segundo Impolcetto *et al* (2013) é possível observar ainda nos dias de hoje que o esporte é um dos conteúdos mais utilizados pelos professores nas aulas de Educação Física escolar. Os autores pontuam ainda que:

Na escola, este modelo conhecido como esportivista, causou sérios danos à imagem da área, pois as aulas passaram a ter o objetivo claro de selecionar indivíduos com potenciais específicos para buscar a vitória, formar equipes vencedoras que pudessem representar o país nas mais diversas competições, além de fazer seleção precoce de talentos. Deste modo, os alunos considerados pouco habilidosos ou inaptos para a prática dos esportes oferecidos nas aulas de Educação Física, eram excluídos, muitas vezes até deixados de lado pelo próprio professor (2013, p.2).

Percebe-se ainda hoje dentro das escolas de comunidades quilombolas e em muitos outros espaços escolares nas aulas de Educação Física a priorização do conteúdo esporte. Dessa forma, penso ser importante que o professor dentro da comunidade busque a utilização de outros conteúdos do campo da Educação Física, afinal, esta é uma área de múltiplas possibilidades de práticas corporais que podem ser trabalhadas no âmbito Escolar. Logo, torna-se interessante que o professor busque de alguma forma relacionar os conteúdos da Educação Física com a cultura local, para assim despertar um pensamento crítico da área aos alunos para além do pensamento fragmentado do corpo enquanto objeto (reprodutor de movimento) ou da famosa “aula livre”. De acordo com Impolcetto *et al* (2013), é necessário que a Educação Física estabeleça novos limites para romper as fronteiras criadas tradicionalmente. E em se tratando de escolas pertencentes à comunidade quilombola, é interessante que este docente busque pensar na hora de elaboração da sua metodologia de ensino respeitar a cultura local e introduzi-la de alguma forma em suas aulas a partir dessas práticas corporais.

Assim, acredito que a partir do que apontam alguns autores para uma boa metodologia de ensino da Educação Física em Escola Quilombola, é importante que o professor venha valorizar o contexto histórico da comunidade e ao mesmo tempo possibilitar as mais diversas experiências de movimentos através dos conteúdos da Educação Física. Segundo Freire (1996) ensinar é um ato de reconhecer o que já foi aprendido, ou seja, reconhecer em seu conhecimento, o conhecimento dos educandos, para que assim o seu processo de ensino e aprendizagem não fique voltado somente às práticas esportivas. Mais do que estimular a prática de uma determinada modalidade esportiva, a Educação Física tem a função de permitir que os alunos vivenciem outras culturas. Afinal, ao invés de entender a Educação Física escolar somente pela dimensão biológica, é necessário percebê-la como uma manifestação de cultura, na qual o aluno precisa não só saber executar os movimentos certos como também entender a importância dessa cultura. Para Bracht (1992), não se trata de negar o esporte, mas apenas considerá-lo como uma das manifestações da cultura corporal.

Em princípio, o (a) docente deve saber equilibrar e entrosar prática/teoria com teoria/prática, ou seja, a necessidade de uma reflexão crítica sobre a prática educativa. Nesse processo, é importante salientar que o professor de Educação Física conheça a realidade, o interesse e as características de cada aluno, ou seja, identificar o que esse aluno já trás consigo de conhecimento, quais são as suas vivências, experiências e brincadeiras dentro da comunidade. Segundo Eto e Neira (SD), a prática pedagógica deve ser um espaço onde as vozes historicamente silenciadas sejam valorizadas. Dessa forma, o trabalho da escola não acontecera dissociado do cotidiano do aluno. De acordo ainda com Tani, *et al* (1988) a não observância das características dos sujeitos conduz, frequentemente, ao estabelecimento de objetivos, métodos e conteúdos de ensino inapropriados, tendo como consequência a queda de motivação e perda de interesse pela Educação Física. Para Guimarães

A escola, é local de conflito e tensões culturais, deve não somente reconhecer e valorizar as diferenças e a diversidade que os alunos trazem, mas romper com os privilégios e oportunidades exclusivas de determinado grupo, construídos histórica e socialmente, propiciando uma prática pedagógica que tenha significação mais ampla. (2014, p.10).

Dessa forma, a Educação Física é uma prática social, manifestada na forma de linguagem corporal, que, ao ser classificada e sistematizada para a educação formal, tem como objeto de estudo a cultura corporal como mediadora de sua práxis pedagógica (COLETIVO DE AUTORES, 1992). Sendo assim, analisando as dificuldades de muitas metodologias de ensino no processo de ensino e aprendizagem da Educação Física em comunidades quilombolas, que se relacionam aos aspectos de difícil assimilação, desenvolvimento de sua capacidade de pensar, refletir, analisar, e compreender o real sentido das aulas de Educação Física e a falta de relação das práticas corporais com a cultura Quilombola, surgiu o interesse de fazer um diagnóstico do ensino das práticas corporais na Escola Quilombola Santo André e suas relações com a Cultura Quilombola.

Segundo Gaia *et al* (2021), estudos sobre as práticas corporais em comunidades quilombolas se configuram como um campo inesgotável de investigação. Pois, investigações realizadas sobre essa temática podem contribuir para o acervo de práticas corporais dessas populações, considerando a tradição e a construção da identidade nacional. Sendo assim, meu intuito com a pesquisa é que escolas e professores sejam desafiados a buscar caminhos que levem a múltiplas culturas para dentro dos muros da escola e para além deles, incorporando outras fontes de sabedoria não presentes na educação formal, mas valorizando e respeitando a cultura local. Assim, caberá ao professor de Educação Física buscar meios de incluir em seu

ensino a diversidade cultural daquela comunidade possibilitando uma maior participação de seus alunos e a vivência das mais diversas práticas corporais.

Através dessa pesquisa busco também contribuir de alguma forma para o debate sobre a formação inicial e continuada de professores, particularmente, no que se refere à formação de docentes da Educação Física para atuar na Educação Escolar Quilombola na educação básica. Segundo Gonçalves (2020) se torna necessário à formação continuada dos professores na perspectiva da diversidade cultural. Dessa forma, embora este estudo aborde questões de uma determinada realidade escolar da disciplina de Educação Física, é possível ampliar essa problemática aos desafios concernentes às questões educacionais pertinentes à educação escolar, em especial à educação escolar quilombola em escolas inseridas nas comunidades quilombolas. No âmbito do que se afirma acima, acredito que a escola precisa se constituir como um espaço de diálogo entre o conhecimento escolar e a realidade local, pois é valorizando o desenvolvimento sustentável é investindo no trabalho desenvolvido nessas comunidades quilombolas, e respeitando a cultura local e a luta pelo direito à terra e ao território que a educação escolar quilombola poderá se tornar referência de valores culturais, sociais, históricos e econômicos das comunidades afro-brasileiras.

2. JUSTIFICATIVA

Com as transformações que ocorrem em nosso mundo contemporâneo, é preciso pensar sobre a qualidade do ensino nas escolas, principalmente quando se trata de escolas onde o processo de ensino muitas vezes é de difícil acesso como nas comunidades ribeirinhas, indígenas, quilombolas entre outras. Dentro do campo da Educação Física se tornam necessários estudos relacionados ao tema da cultura quilombola que possibilitem e suscitem pesquisas e projetos de professores, pesquisadores a conhecer sobre as metodologias de ensino aplicadas em comunidades quilombolas e como que esses conteúdos a partir das práticas corporais são pensados e organizados. Logo, o estudo justifica-se pela importância do meio acadêmico e da própria comunidade conhecer como se dá o ensino das práticas corporais usadas por professores de Educação Física nessas comunidades e para difusão da cultura quilombola.

Segundo Paiva (2016), a metodologia utilizada pelo educador pode ensinar o educando a ser livre ou submisso, seguro ou inseguro; disciplinado ou desordenado; responsável ou irresponsável; competitivo ou cooperativo. O ensino e a aprendizagem ganham caráter dialético, isto é, de constante movimento e construção por aqueles que o fazem, quando o ensinar está diretamente relacionado com o aprender. Segundo a mesma autora,

O ensino exige rigor metodológico; pesquisa; respeito aos saberes dos educandos; criticidade; estética e ética; corporeidade das palavras pelo exemplo; risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação; reflexão crítica sobre a prática; reconhecimento e elevação da identidade cultural (PAIVA, 2016, p.03).

Essas características atribuídas ao ensino se somam e são norteadoras de uma proposta educacional que recusa a educação e o ensino por uma visão simplória e, aqui, vista como errônea do ensino como mera transmissão de conhecimentos. Quanto à relevância acadêmica desta pesquisa, justifica-se por contribuir para o avanço de estudos teóricos posteriores que possibilitarão pesquisas sobre a história do ensino da Educação Física em Escolas de comunidades Quilombolas na Amazônia e até mesmo no Brasil, contribuindo assim para a ampliação do conhecimento acadêmico sobre as formas de gerenciamento, decisões políticas periféricas e centrais que interferiram e interferem de maneira significativa no espaço em que estas instituições escolares estão inseridas.

Acredito que há necessidade de realizar uma discussão sobre a problemática do ensino da Educação Física em Escolas pertencentes a quilombos e da educação escolar quilombola na Amazônia paraense. Segundo Videira (2013), dentre as reivindicações das populações quilombolas

[...] está a educação e, em especial, a educação em Quilombos que deve ser pautada num conjunto de preocupações que englobam sobretudo a necessidade da definição de uma concepção educacional, que [...] ajuda o sujeito a refletir sobre sua condição concreta e, conscientizá-lo disso, lutará para mudar sua realidade e afirmasse diante do mundo num que fazer libertador. E tem por princípio a valorização da cultura das pessoas no processo de conscientização sobre a realidade e atribui a ela possibilidades educativas concretas de ressignificação da condição do próprio sujeito que pode “ser mais” tornar-se melhor e, portanto, alterar o contexto em que vive (p. 112).

Com base nessas informações, acredita-se que se poderá melhor gerenciar as atividades de ensino e, se necessário for, revisar a política de ensino adotada para as comunidades quilombolas. Nesse sentido, os resultados deste estudo visam contribuir e subsidiar decisões de gestão do processo ensino e aprendizagem das metodologias de ensino nas comunidades quilombolas. Além de colaborar com o tema em questão, o estudo objetiva contribuir como orientação e na formação de futuros profissionais de Educação Física que atuarão em espaços escolares em comunidades quilombolas, apontando sobre a importância da diversificação de conteúdos, da importância do respeito e da relação com a cultura vivenciada na comunidade, bem como o interesse que essas práticas despertam em seus alunos. Assim, possibilitaria que futuros professores se sintam atraídos na busca pelas

diferentes práticas, permitindo caminhos e instigando o senso criativo e experimental, criando o interesse e motivação por diferentes atividades.

Importante frisar que o autor desse estudo é ‘nativo’ da comunidade quilombola estudada. Dessa forma, compreende a importância da valorização e da importância dessa cultura quilombola estar dentro do espaço escolar, tendo em vista que em seu período de estudo no ensino básico seu contato foi praticamente nenhum com essa cultura dentro do espaço escolar a não ser em períodos festivos. Sua trajetória com a disciplina de Educação Física na escola sempre foi bastante conturbada, tendo em vista que os professores sempre priorizavam o futebol como conteúdo principal da disciplina, e por não ter familiaridade com a modalidade não participava das aulas. Sendo assim, o trabalho justifica-se também a partir da vontade de compreender como esses professores, e sujeitos envolvidos com o espaço escolar pensam e se organizam para atuar numa escola em território quilombola.

3. OBJETIVOS

3.1 Objetivo Geral

- Diagnosticar como se dá o ensino das práticas corporais na Escola Quilombola Santo André e suas relações com a Cultura Quilombola.

3.2 Objetivos Específicos

- Descrever o entendimento dos sujeitos entrevistados sobre cultura quilombola e suas práticas corporais.
- Analisar se as práticas corporais da cultura quilombola estão inseridas nas aulas de Educação Física e no PPP da Escola.
- Identificar a participação e o envolvimento dos sujeitos entrevistados com as práticas corporais quilombolas na Escola Quilombola Santo André.

4. METODOLOGIA

Esta pesquisa, de natureza essencialmente qualitativa, caracteriza-se em fazer um diagnóstico do ensino das práticas corporais na Escola Quilombola Santo André e suas relações com a Cultura Quilombola. Para Turato (2005), as pesquisas que utilizam o método qualitativo devem trabalhar com valores, crenças, representações, hábitos, atitudes e opiniões. Não tem qualquer utilidade na mensuração de fenômenos em grandes grupos, sendo basicamente úteis para quem busca entender o contexto onde algum fenômeno ocorre. De acordo com Minayo (2012), o verbo principal da análise qualitativa é compreender. Compreender é exercer a capacidade de colocar-se no lugar do outro, tendo em vista que,

como seres humanos, temos condições de exercitar esse entendimento. Assim, em vez da medição, seu objetivo é conseguir um entendimento mais profundo e, se necessário, subjetivo do objeto de estudo, sem preocupar-se com medidas numéricas e análises estatísticas. Cabe-lhes, pois, adentrar na subjetividade dos fenômenos, voltando à pesquisa para grupos delimitados em extensão e território, porém possíveis de serem abrangidos intensamente. Sendo assim, a pesquisa qualitativa se torna essencial para a construção dessa pesquisa.

O estudo foi realizado na Escola Quilombola Santo André, da Comunidade quilombola do Baixo Itacuruça localizado nas ilhas do município de Abaetetuba. Esta é uma das 72 áreas ribeirinhas existentes no Município de Abaetetuba. A Escola foi escolhida como *lôcus* da pesquisa em decorrência de pertencer a uma comunidade quilombola com vários anos de existência, entretanto, é importante salientar que de acordo com a direção da Escola Quilombola Santo André, esta é oficialmente reconhecida na esfera municipal por meio de leis e decretos como escola quilombola, sendo a única no município com esse título. A escola do Baixo Itacuruça funciona no turno matutino e vespertino no modelo de Ensino Regular, e atende alunos de todas as etapas da educação básica, da educação infantil ao Ensino Médio.

A escolha por essa escola localizada em comunidade quilombola se deu também em virtude de se entender a complexidade de acesso dessas comunidades à educação, e em se tratando da Educação Física o intuito é compreender como que os sujeitos vinculados ao universo escolar e quilombola local, visualizam a disciplina de Educação Física, e se esta tem um caráter de importância na difusão da cultura quilombola da comunidade. Assim, esse trabalho irá se tratar de uma pesquisa qualitativa baseada em um trabalho de campo desenvolvido a partir de entrevistas realizadas com sujeitos pertencentes a comunidade escolar ou que estejam diretamente envolvidos com a Educação Física na comunidade.

Como instrumento de coleta de dados primários, foram realizadas entrevistas semiestruturadas (MINAYO, 2006) com 04 indivíduos, sendo esses 02 professores de Educação Física, 01 diretor escolar, e o Presidente da ARQUIA que é a associação que representa as comunidades quilombolas do município de Abaetetuba, mais adiante será apresentado um quadro com o perfil desses sujeitos. A pesquisa de campo a ser desenvolvida contava com pelo menos três visitas a serem feitas a comunidade para a realização das entrevistas. Entretanto, tendo em vista à falta de disponibilidade e horário compatíveis, as entrevistas acontecerem de forma remota pela plataforma *Google Meet*. Quanto aos cuidados éticos para o desenvolvimento da pesquisa foi elaborado e apresentado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), o qual foi assinado pelos colaboradores na pesquisa.

A entrevista semiestruturada tem relativa flexibilidade por permitir uma aproximação maior entre pesquisador e pesquisado. Uma vez que as questões não precisam seguir a ordem prevista no roteiro, que servirá de guia, tendo em vista que as perguntas poderão ser reformuladas, e a partir disso surgirão novas questões no decorrer da entrevista (MATTOS, 2005). Mas, a entrevista seguirá o que já estava planejado, pois as questões são formuladas a partir dos objetivos propostos pelo pesquisador. Nesse sentido, a entrevista semiestruturada é a técnica fundamental para a execução da pesquisa, pois possibilita obter dados mais específicos. Conforme pontua Minayo (2001, p. 57),

A entrevista é o procedimento mais usual no trabalho de campo. Através dela, o pesquisador busca obter informes contidos na fala dos atores sociais. Ela não significa uma conversa desprentensiva e neutra, uma vez que se insere como meio de coleta dos fatos relatados pelos atores, enquanto sujeitos-objeto da pesquisa que vivenciam uma determinada realidade que está sendo focalizada. Suas formas de realização podem ser de natureza individual e/ou coletiva.

Para Queiroz (1988), a entrevista semiestruturada é uma técnica de coleta de dados que supõe uma conversação continuada entre informante e pesquisador e que deve ser dirigida por este de acordo com seus objetivos. Sendo assim, através da entrevista se buscou encontrar respostas para as questões mencionadas. As entrevistas aconteceram de forma individual seguindo um roteiro de perguntas previamente elaboradas que poderiam ser alteradas a ordem ou até modificá-las, conforme a entrevista fosse evoluindo, as entrevistas tiveram uma duração em média de 20 a 30 minutos.

Como procedimento foi utilizado um celular como gravador para capturar os áudios da conversa pelo *Google Meet*. Para uma melhor caracterização do universo foi feita uma entrevista com o presidente da ARQUIA, associação que representa as comunidades quilombolas das ilhas de Abaetetuba em que a comunidade do Baixo Itacuruça está inserida. A esse respeito, Bezerra (2019, p. 23) destaca a importância dos vínculos territoriais para os quilombolas, ao dizer que:

Os vínculos territoriais que as comunidades Remanescentes de quilombos [...] estabelecem com os espaços geográficos no qual se encontram, configuram-se como processos de afirmação das identidades étnicas e a valorização das origens ancestrais da comunidade, sendo de fundamental importância a garantia por parte do poder público, dos direitos constitucionais de demarcação, titulação e domínio definitivo dos territórios em questão para a perpetuação das memórias, identidades e da história destas populações.

A Escola pertencente ao Quilombo do Baixo Itacuruça está inserida nesse contexto de lutas e resistência por seus direitos por meio da organização de moradores, mais especificamente da ARQUIA, associação que a representa. Quanto a organização

metodológica, na primeira etapa, foi feita uma extensa pesquisa bibliográfica sobre a temática da cultura quilombola, das práticas corporais do universo da Educação Física Escolar e das práticas corporais da cultura quilombola. Na segunda etapa foram realizadas as entrevistas semiestruturadas, e a aplicação ocorreu entre os meses de maio e junho de 2022 de forma remota, como mencionado anteriormente.

Na etapa final, foram feitas a análise dos dados. As respostas foram agrupadas de acordo com a sua proximidade e analisadas pela técnica de análise de conteúdo (BARDIN, 1977). As falas foram transcritas de forma fidedigna, na tentativa de manter a realidade o mais fiel possível de suas características identitárias, e quando usadas, os sujeitos não serão identificados, mas representados por símbolos que explicaremos melhor adiante. Os dados relevantes para a discussão do trabalho serão expostos na seguinte categorização para a apresentação e discussão dos resultados: 1) As práticas da cultura quilombola na Escola Quilombola Santo André; 2) ARQUIA e Comunidade: A participação e o envolvimento com as práticas corporais quilombolas na escola; 3) Práticas corporais quilombolas: Educação Física escolar e o PPP; 4) A contribuição da Educação Física para a cultura quilombola.

Em cada tópico da categorização houve comparação e discussão com as posições teóricas dos textos de referência dessa pesquisa. Segundo Silva e Fossá (2015) a análise de conteúdo é uma técnica de análise das comunicações, que irá analisar o que foi dito nas entrevistas ou observado pelo pesquisador. Na análise do material, buscou-se classificá-los em temas ou categorias que auxiliariam na compreensão do que está por trás dos discursos. Além disso, Bardin (1977) ressalta a importância do rigor na utilização da análise de conteúdo, a necessidade de ultrapassar as incertezas, e descobrir o que é questionado.

Considerando que o autor desse estudo é ‘nativo’ da comunidade quilombola estudada, lançou-se mão de narrativas pessoais sustentadas na percepção própria. Contudo, apesar da utilização desse tipo de fonte, preferimos não caracterizar esse estudo como uma etnografia, ou mesmo como autonarrativa, porque apenas acreditou-se ser uma contribuição para o trabalho, embora a não utilização das técnicas mencionadas possa ser uma limitação desse estudo. Antes de apresentar as categorias advindas da revisão da literatura, faremos a breve mostra dos perfis dos sujeitos que colaboraram na pesquisa, conforme as informações contidas no quadro 01.

Quadro 01- perfil dos sujeitos entrevistados

Sujeitos	Gênero	Escolaridade	Pós-graduação	Instituição formadora	Ano de formação	Local de origem
S1	MASC	Licenciado em Pedagogia e História e bacharel em Teologia	Não possui	Todas em instituição privada (Não informadas)	2011 2014	Quilombo Itacuruça
S2	MASC	Ensino Médio Ensino superior incompleto	Não possui	X	X	Quilombo Itacuruça
S3	MASC	Licenciado em Educação Física	Não possui	UEPA	2001	Abaetetuba
S4	FEM	Licenciada em Educação Física	Não possui	UFPA	2021	Quilombo Itacuruça

Antes também de entrarmos no tópico dos resultados e discussões serão apresentadas três seções advindas da revisão de literatura a partir de diversos autores que discutem e pesquisam sobre a temática da cultura quilombola, das práticas corporais do universo da Educação Física Escolar e das práticas corporais da cultura quilombola.

5. REVISÃO DA LITERATURA

5.1 CULTURA QUILOMBOLA

A imagem de escravidão propagada pela “história oficial” ainda permanece no imaginário das pessoas, fazendo com que a luta do povo negro e suas práticas de resistência não sejam verdadeiramente reconhecidas pela sociedade. Foi somente a partir da Constituição Federal, de 1988, que o tema quilombola entrou na pauta das políticas públicas do Governo Federal do Brasil. Vítimas da histórica concentração de terras no Brasil, os quilombolas resistem para garantir a sua autonomia. Para esse povo, a terra significa mais que uma simples área para produção, representa identidade e sua cultura.

De acordo com o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), as comunidades quilombolas são grupos étnicos predominantemente constituídos pela população negra rural ou urbana, que se autodefinem a partir das relações específicas com a terra, o parentesco, o território, a ancestralidade, as tradições e práticas culturais próprias. São grupos sociais cuja identidade étnica, ou seja, ancestralidade comum, formas de organização política e social, elementos linguísticos, religiosos e culturais os distingue do restante da sociedade. A identidade étnica é um processo de auto identificação que não se resume apenas a elementos materiais ou traços biológicos, como a cor da pele, por exemplo. São comunidades que desenvolveram processos de resistência para manter e reproduzir seu modo de vida característico em um determinado lugar⁹.

Dessa forma, ser quilombola é se sentir pertencente a uma determinada comunidade, é se identificar com os valores, costumes e também ter a ligação com o território, viver próximo de outros indivíduos que compartilham de um mesmo laço identitário. Logo, não é possível falar de Brasil sem falar da presença das populações africanas. As comunidades quilombolas são fundamentais para falar sobre estas populações. A importância delas, por um lado, é a necessidade que temos de garantir o direito à terra para essas comunidades; por outro lado, de garantir o respeito à Constituição. As comunidades quilombolas lutam arduamente para garantir o seu acesso à terra e pela manutenção das suas culturas. Assim, falar das comunidades quilombolas e quilombos é se remeter a luta pela terra e também a luta pelo direito do exercício de um modo de vida mais comunitário, permeado pela ancestralidade de uma cultura marcada pelas especificidades de suas práticas, crenças e valores.

As comunidades quilombolas são uma herança viva da história brasileira, da fuga dos escravos negros e indígenas dos maus-tratos e agressões de uma sociedade hipócrita e desigual. É claro que o fator “desigualdade” não acabou, ele continua presente, embora tenham se passado tantos anos. Dado que se sabe o quanto ainda o negro tem sofrido em nossa sociedade com questões raciais e de preconceito. Logo, é preciso se pensar no combate às desigualdades sociais existentes no Brasil, para assim respeitar a presença, o direito e as manifestações culturais dos povos tradicionais, em especial do quilombo. De acordo com Silva e Melo (2011) os quilombos são comunidades formadas por escravos fugitivos, geralmente de engenhos de cana-de-açúcar, fazendas e pequenas propriedades. Seus habitantes, chamados de quilombolas eram, em sua maioria, negros de origem africana, mas também havia entre eles índios que foram escravizados. Segundo ainda os mesmos autores, os

⁹ Disponível em <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos> Acesso em 28/06/2021.

quilombolas conseguiram, a partir de lendas e histórias preservar sua imagem, entretanto é preciso não deixar toda essa riqueza cultural se perder. Por isso, é necessário cada vez mais que sejam feitas parcerias entre entidades públicas e as comunidades, assim como entre cidadãos, para que a história possa continuar a ser contada.

Silva e Melo (2011) dizem também que os quilombolas são resultantes da luta dos escravos de origem africana no Brasil por sua liberdade, as comunidades quilombolas guardam em si uma riqueza cultural de suma importância para o nosso país. A cultura quilombola, enquanto esfera social, permite aos indivíduos expressarem seus valores e princípios e vincularem-se de forma simbólica e afetiva ao grupo. A cultura quilombola, como mencionada já ao longo do texto será, pauta de discussão desse tópico. Mas antes, é preciso falar de cultura, que é um termo bastante explorado pela Antropologia, ciência que surgiu na mesma época em que a Sociologia e visa a analisar as sociedades humanas a partir de sua produção cultural. A análise vai das mais elementares formas de organização social até as mais complexas, portanto, o sentido de cultura é amplo. Dessa forma, entende-se que a cultura corresponde a um conjunto de hábitos, crenças e conhecimentos de um povo.

A cultura, para Barth (2005), é entendida como parte das experiências que os indivíduos passam pelo mundo, o que permite uma variedade de aprendizados que possibilitam alterar, reforçar ou gerar as identidades étnicas, construindo uma multiplicidade de agrupamentos. Essa dinâmica remete ao fato de que as culturas estão sempre sendo impactadas, que fazem parte de um fluxo, não podendo ser pensadas em termos fixos da tradição, do passado ou de um lugar, mas dos arranjos presentes em que elas são geradas. Segundo Furtado *et al.* (2014), a cultura deve ser compreendida como campo simbólico, por possibilitar aos sujeitos uma complexa rede de relações sociais capaz de significações por meio de símbolos, signos, práticas e valores. Segundo os mesmos autores

A análise histórico-cultural proposta baseia-se na interpretação da cultura quilombola, com suas particularidades e singularidades inerentes ao contexto em questão. A cultura, compreendida como uma construção de significados criados pelos sujeitos imprime autenticidade ao universo simbólico analisado, e nos permite perceber a lógica social envolvida. Assim, em busca de um caminho possível para compreender a cultura quilombola, deve-se partir do imaginário social construído por seus sujeitos, que nos remete a um passado comum de escravidão, lutas, fugas e constituição de quilombos (FURTADO *et al* 2014, p.3)

A cultura é também compreendida como os comportamentos, tradições e conhecimentos de um determinado grupo social, incluindo a língua, as comidas típicas, as religiões, música local, artes, vestimenta, entre inúmeros outros aspectos. A cultura é também um mecanismo cumulativo, porque as modificações trazidas por uma geração passam

à geração seguinte. Ela perde e incorpora outros aspectos, numa forma de melhorar a vivência das novas gerações e acrescentar novos elementos.

De acordo com uma informação contida no *site* (palmares.gov.br) da Fundação Cultural Palmares que é uma fundação federal brasileira de promoção da afro-brasilidade, as comunidades remanescentes de quilombo se adaptaram a viver em regiões por vezes hostis¹⁰. Porém, mantendo suas tradições culturais, aprenderam a tirar seu sustento dos recursos naturais disponíveis ao mesmo tempo em que se tornaram diretamente responsáveis por sua preservação, interagindo com outros povos e comunidades tradicionais tanto quanto com a sociedade envolvente. Segundo Carril (2017) os quilombos desenvolveram uma relação específica com a natureza, de escravos eles se transformaram em camponeses. O relacionamento com a terra tornou-se fundamental como meio de sobrevivência na sociedade escravista. Logo, viver nos quilombos equivalia a arar e cultivar a terra para dela extrair os recursos necessários à vida e também dela fazer sua moradia e nela reconstruir seu suporte cultural, em uma perspectiva de sobrevivência.

Segundo Furtado *et al* (2014) as comunidades quilombolas no Brasil, atualmente, são múltiplas e variadas e se encontram distribuídas em todo o território nacional. Há comunidades que se localizam no campo e outras na cidade, e se constituem por meio de fortes laços de parentesco e herança familiar, cada uma com seu modo de viver e com sua cultura. Entretanto, segundo Barth (2005), deve-se questionar de onde e como nasce a cultura, pois ela não está no lugar, mas num fluxo intenso de contatos e vivências existentes nas organizações sociais. Seria possível, assim, segundo o autor asseverar que nenhum grupo social encontra-se em isolamento geográfico ou se constitui numa unidade cultural homogênea.

O autor da presente pesquisa é membro de comunidade quilombola e pode asseverar que o povo do quilombo é um povo alegre, que gosta de música e de dança. O canto está sempre presente em seu cotidiano e nas festas. Entre os quilombolas há um grande número de cantores e compositores, que relatam em suas músicas a vida, a luta e a esperança de seu povo. As chamadas festas tradicionais são resultado de muitas influências: negra, indígena e católica. Na comunidade do Baixo Itacuruça, *lócus*, dessa pesquisa é possível de se observar que existem duas religiões predominantes: o catolicismo e o evangelismo, pois apesar de ser uma comunidade quilombola, dificilmente se vê pessoas que sejam adeptos ao candomblé enquanto prática religiosa.

¹⁰ Disponível em https://www.palmares.gov.br/?page_id=55946 Acesso em 24/02/2022.

O catolicismo e o evangelismo são as representações religiosas mais presentes dentro da comunidade do Baixo Itacuruça. As festividades religiosas ainda hoje envolvem toda a comunidade. Embora o catolicismo seja predominante, o evangelismo também tem uma representação muito grande nas comunidades quilombolas. A denominação protestante pentecostal se difundiu nas comunidades fazendo a religião possuir muitos adeptos entre os moradores do quilombo. O Candomblé, também é praticado, embora nem sempre assumido, como já mencionamos. Assim, a religião cultuada nas regiões quilombolas como vimos, não há uma específica. Os quilombos têm várias matrizes religiosas, sendo predominante o candomblé, o catolicismo e o protestantismo. Neles o sincretismo entre elementos católicos e candomblecistas também é muito presente.

Algo também ainda muito presente nas comunidades é que muitas das mulheres antigas do quilombo que fazem a utilização de ervas e benzimentos para curas. Além das festas, o lazer dos quilombolas inclui também o futebol, praticado tanto por homens quanto por mulheres. Em quase em todas as comunidades existe um campo para a prática do esporte. Durante o ano são realizados diversos torneios, nos quais competem equipes de diversas comunidades, formadas por quilombolas e não-quilombolas.

Como estamos falando de cultura quilombola e isso nos levou a uma discussão em torno do que seria cultura, é interessante se fazer uma discussão também em torno do corpo. De acordo com Mauss (2003), cada sociedade, comunidade ou grupo faz um uso específico e tradicional do corpo, o que o autor convencionou chamar de técnicas corporais. Elas englobam todos os modos de agir e estar no mundo, que variam de acordo com a idade e suas formas de transmissão, bem como abarcam desde atos técnicos a atos físicos e mágico-religiosos. O mesmo autor enumera algumas técnicas do corpo a partir da exemplificação de suas variáveis quando se compara uma sociedade a outra, como por exemplo: formas de nascimento e reprodução; formas de criação e alimentação de crianças; técnicas corporais da adolescência e da idade adulta (técnicas do sono e de repouso, técnicas da atividade e movimento corporal, técnicas de cuidados e higiene com o corpo e, por fim, técnicas do consumo e da alimentação).

O corpo, portanto, pode ser considerado o território pelo qual se observa uma variedade de técnicas corporais ensinadas, transmitidas e compartilhadas entre as gerações de uma sociedade, grupo ou comunidade, expressando costumes próprios e revelando traços particulares do indivíduo e da coletividade na qual o mesmo se insere. Segundo Maroun (2021) é importante reiterar que existe um conjunto de trabalhos que traz dados empíricos interessantes sobre o lugar que o corpo ocupa especificamente nas comunidades quilombolas.

Contudo, seus resultados não podem ser generalizados, pois retratam realidades singulares sobre a afirmação de identidades quilombolas, o que é demonstrado através de determinadas práticas culturais/corporais, ou de determinados roteiros educativos voltados ao corpo.

De certo modo, é até difícil apontar uma tradição quilombola única, visto que os quilombos formaram-se e organizaram-se das mais diversas maneiras. Em primeiro lugar, como já podemos comentar, não foram apenas descendentes de africanos que povoaram os quilombos. Além de povos negros (que são predominantes hoje na composição étnica das áreas de quilombos), existe uma significativa presença de descendentes de indígenas e europeus. As organizações formadas por quilombos também foram as mais diversas. Houve nelas uma predominância do modo de vida tribal, mas muitos quilombos desenvolveram sistemas de comércio e alguns até estabeleceram sistemas políticos internos, como reinados e repúblicas. Apesar da diversidade de origens culturais, alguns traços gerais da cultura africana estão presentes nos quilombos, além do sincretismo religioso das religiões afro-brasileiras, que misturam o tradicional culto aos orixás com o catolicismo, e a culinária, com vários elementos indígenas.

Na literatura é comum encontrar que os quilombolas, em geral, gostam muito de música, canto, dança e festas tradicionais, como bem mencionado anteriormente em relação ao *locus* do presente estudo. As comidas típicas dos quilombos são mais determinadas pela região onde eles estão do que por uma unidade étnica. Nos quilombos baianos, por exemplo, o acarajé é uma iguaria típica. No nordeste em geral, come-se muito cuscuz, não sendo diferente nessas comunidades. A tapioca e a garapa (o tradicional caldo de cana) também são apreciadas em vários quilombos pelo país.

Dessa forma, a partir da cultura, podemos entender que a identidade coletiva das comunidades quilombolas é o desenho de processos identitários em construção pelo viés da etnia articulada com outros significados que a cultura permite, tais como a condição de sujeito miscigenado, o significado de terra/território, saberes produzidos localmente e a cultura corporal atravessada por estes determinantes, a qual tanto foi referendada para se falar desse grupo social quanto às manifestações culturais e à resistência, desde o período colonial até hoje, quando se configuram como grupos excluídos.

De acordo com Carril (2017) há a necessidade de salvaguardar e reforçar a identidade cultural em ambientes escolares que, explicitamente ou não, podem vir a manifestar formas de preconceito e racismo, e repensar processos educacionais que abarquem as comunidades quilombolas como elemento central de seus projetos. Logo, é importante que as escolas e educadores pensem em discutir com esses sujeitos a importância do espaço em que vivem da

importância dessa cultura e do reconhecimento enquanto sujeito quilombola. Não só enquanto integrante da comunidade mais pertencente a uma cultura que precisa estar sempre viva e ser defendida.

De acordo com Silva (2014) é preciso compreender e assumir a importância do corpo, das práticas corporais como enfoque, e isso é condição para que a intervenção profissional trabalhe numa dimensão ampliada de saúde, assim como de lazer e de educação, e ambas possam efetivamente se consolidar. Silva e Falcão (2010) ressaltam que no que se refere à cultura corporal e as práticas corporais, há diferentes questões que se colocam na pesquisa com comunidades nesta condição histórica e sócio-econômica. Podemos ver isso de forma mais clara quando os autores pontuam que:

Questões de diferentes ordens correspondem, em grande parte, às diferentes expectativas, imagens e técnicas, formas de expressão e sensibilidade no mundo contemporâneo. Dentre estas, algumas são decorrentes dos esportes convencionais como fenômeno de grande magnitude na cultura de massa, especialmente por sua natureza vinculada à competitividade, ao rendimento e a performance, assim como ao crescente processo de esportivização de práticas corporais tradicionais, o que as faz perderem seu teor original de enraizamento e alterar sua constituição como patrimônio cultural da humanidade (SILVA; FALCÃO 2010. p.7).

Como essa pesquisa se debruça a fazer um diagnóstico do lugar que a Educação Física ocupa em uma comunidade quilombola do município de Abaetetuba, onde o esporte é muito presente, é importante frisar a observação que a esportivização está fortemente enraizada como forma de introdução aos estudos/práticas desenvolvidas no campo da Educação Física escolar (BRACHT, 1999). Como já pudemos mencionar, na comunidade do Baixo Itacuruça a prática esportiva do futebol é algo muito presente, praticado tanto por homens quanto por mulheres, tanto que todos os anos acontecem diversos campeonatos voltados para essa modalidade dentro da comunidade e em eventos da escola, e uma das mais conhecidas é a Copa Quilombola que envolve toda a população da comunidade e até mesmo comunidades vizinhas.

Na comunidade *lócus* do presente estudo, existe um peculiar modo de viver, que é identificado seja através das formas próprias de trabalho, seja por meio da ação social (lazer, escola, etc.). Na comunidade há diversas formas culturais produzidas a partir das práticas sociais como o cultivo e o manejo do açaí, da produção de diversos tipos de farinha, do uso versátil do miriti, da feitura das roças, das atividades de pesca, da antiga forma de pescar camarão com matapi¹¹. E também pela rica produção artesanal com uso de talas na fabricação

¹¹ Os Matapi são armadilha cilíndrica, confeccionada com tala de miriti, utilizada para capturar camarão nos rios da Amazônia. Disponível em <https://www.dicionarioinformal.com.br>. Acesso em 07/07/2022.

de paneiros¹², e de sementes na fabricação de adereços, assim como pelo domínio de regras de fabricação e de uso de utensílios como o matapi, pelo uso da peconha¹³ para subir nos açazeiros e pelo tecer a rede de pescar com o emprego de práticas patrimoniais de produção.

Na comunidade quilombola do Baixo Itacuruça, é presente o cultivo do açaí por conta de estar a comunidade na beira do rio (área de várzea) e a terra ser mais fértil para esse tipo de plantio. Ao lado do açaí, em terra firme persiste o cultivo da roça. Além das alternativas já citadas, existem outras formas de trabalho na comunidade, tais como as atividades realizadas em olarias construídas à margem dos rios pela facilidade do embarque do barro, da lenha e do escoamento da produção de tijolo e de telha. É forte também a pesca de peixe e de camarão. E não se deve esquecer os que atuam como rabeteiros¹⁴, transportando pessoas e materiais e também os que constroem as rabetas. Essas modalidades de trabalho acontecem de forma múltipla e simultânea, ou seja, muitas vezes a mesma família trabalha na olaria, tem cultivo na roça e atua com a pesca. Assim, tais atividades constituem em seu conjunto a parte essencial do sustento das famílias.

Dessa forma, é preciso compreender a necessidade de falar sobre a cultura do povo quilombola, e em se tratando do ensino voltado para esses sujeitos, tona-se interessante de trabalhar práticas de ensino com os sujeitos quilombolas com a função de mostrar a importância de sua cultura e incentivar cada indivíduo a descobrir o corpo por meio das muitas linguagens que geram expressões próprias e significativas no seu processo de ensino e aprendizagem. Bracht (2005) tem reivindicado ao corpo a posição não mais de mero objeto, mas a de sujeito, ou seja, uma nova relação sujeito e objeto. Sendo assim, o corpo precisa ser visto enquanto um ser histórico e cultural, e o povo quilombola trás consigo toda uma cultura e conhecimento que precisa ser respeitado, logo esse corpo não pode ser visto enquanto mero objeto na Educação Física.

¹² Paneiro é o cesto amazônico por excelência, feito de talas de guarimã, guarumã ou arumã, eu prefiro chamar de guarimã como é conhecido no baixo amazonas e zona Bragantina do Pará, é confeccionado em traçado hexagonal, formando "estrelas de Davi". A palavra paneiro é híbrida, vem do tupy - PANÁ (cesto) com o sufixo português - EIRO que expressa uso, finalidade e profissão (paná + eiro = Paneiro). Muita coisa se faz com o guarimã, além dos tradicionais paneiros, no passado, os caboclos ribeirinhos, embalavam farinha em paneiros que eram forrados com as folhas do guarimã. Carrega-se e guarda-se nos paneiros, de roupas a alimentos, até animais são transportados em paneiros na Amazônia." Disponível em <http://pedropaulofloresta.blogspot.com.br> acesso em 07/07/2022.

¹³ Peconha é um utensílio rudimentar amazônico similar a um cinto, utilizado na escalada de árvores comumente fabricado a partir de fibras de Ubuçu (tururi), Ripeira ou Matamatá. Esta técnica é amplamente utilizada para coleta de recursos vegetais de espécies como Açaí. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Peconha> Acesso em 07/07/2022.

¹⁴ Rabeteiro: Pessoa que opera tipo de barco pequeno, com motor traseiro, próprio para navegação em águas rasas. Disponível em <https://www.dicionarioinformal.com.br/>. Acesso em 07/07/2022.

De acordo com Furtado *et al.* (2014) a cultura quilombola, enquanto esfera social, permite aos indivíduos expressarem seus valores e princípios e vincularem-se de forma simbólica e afetiva ao grupo. Por ser um espaço de trocas e compartilhamento de conteúdos simbólico-afetivos, permite aos sujeitos que se sintam pertencentes a esse universo particular e se apropriem de valores e conteúdos inerentes à realidade em questão. A cultura é o que nos faz e nos torna o que somos ao crescermos em um determinado ambiente. Trata-se da forma autêntica e local de cada povo se constituir e resistir à força globalizante que busca homogeneizar as diferenças. A proposição comum a muitos estudos sobre esse tema é a de que cada cultura consiste em um universo simbólico em si mesmo, de cada povo, organizado socialmente de maneira coerente e limitada.

As comunidades remanescentes de quilombos são grupos que passaram a contar com um reconhecimento oficial de sua cultura e identidade, porém continuam em conflitos fundiários e nos remetem a um passado associado às lutas por suas terras. Portanto, de acordo com o que pontuam Furtado *et al.*, (2014) também na cultura quilombola, os conteúdos simbólico-afetivos emergem dentro de maneira distinta para cada indivíduo, a partir de experiências sociais e pessoais, sendo carregados de valor e afeto. Os significados são construídos socialmente, e por serem simbólicos se constituem enquanto elementos culturais. Dessa forma, podemos nos referir a representações, crenças, valores, memórias e, ainda, à língua, à religião, história, festas públicas, datas comemorativas, etc.

A cultura quilombola, por ser um espaço de trocas e compartilhamento de conteúdos simbólicos e afetivos, e por se dar em relação a um contexto social, cultural e político específico, enfatiza as particularidades dos sujeitos que a constituem. É uma instância que preserva elementos culturais carregados de um passado histórico e social e que propicia um posicionamento subjetivo do sujeito ao reconhecer-se nesse passado. Sendo assim, quilombo é uma conquista territorial de um grupo de indivíduos que outrora foram escravizados e lutaram por sua liberdade. Deste modo, caracterizam-se pela luta, resistência e valorização da cultura africana e afro-brasileira.

5.2 PRÁTICAS CORPORAIS DO UNIVERSO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Segundo um estudo de Lazarotti Filho *et al.* (2010), baseados em uma pesquisa sobre artigos, teses e dissertações, o termo “práticas corporais” é utilizado por outras áreas de conhecimento, mas destacando-se na Educação Física, que significa, principalmente: jogos, esportes, dança, artes e recreação. Silva (2014) em sua análise aponta que o início do uso do termo práticas corporais ocorria a partir de uma noção mais intuitiva e que necessitava de um

tratamento mais rigoroso. Sua utilização, porém, cada vez mais intensa por parte dos pesquisadores ao longo das últimas décadas, já indicava a potencialidade para ser estruturado como conceito, necessitando de certo nível de consenso na comunidade acadêmica. Ainda que houvesse discrepâncias entre os autores ao operar com o termo, identificou-se também segundo a autora um expressivo nível de consenso no campo ao manipular o conceito, o que parece ter se acentuando nos últimos anos.

Algumas definições já estão presentes na literatura, caminho normal de qualquer construção conceitual e que possibilita o consenso e a consolidação do referido conceito. Uma dessas definições é a desenvolvida por Castellani Filho e Carvalho (2006, p. 217) quando dizem que práticas corporais são:

(...) manifestações da cultura corporal de determinado grupo que carregam os significados que as pessoas lhes atribuem, devem contemplar as vivências lúdicas e de organização cultural e operar segundo a lógica do acolhimento, aqui no sentido de estar atento às pessoas, de trabalhar ouvindo seus desejos e necessidades.

Silva (2014, p.07), de forma um pouco mais ampliada, define práticas corporais da seguinte forma:

(...) o termo práticas corporais é o símbolo linguístico para um conceito que reúne os enunciados acerca dos fenômenos sociais. Em termos teóricos, o termo abarca características ou atributos dos fenômenos chamados de significantes, os quais são concretos e compõem a realidade social, tais como as danças, os jogos, os esportes, as acrobacias, as lutas, as artes marciais.

Silva (2014) acrescenta ainda que o termo práticas corporais é o símbolo linguístico para um conceito que reúne os enunciados acerca dos fenômenos sociais vivenciados com e no corpo. Em termos teóricos, o termo abarca características ou atributos dos fenômenos chamados de significantes, os quais são concretos e compõem a realidade social, tais como as danças, os jogos, os esportes, as acrobacias, as lutas, as artes marciais. Contudo, segundo Lazzarotti Filho e colaboradores (2010) e Silva (2014), ressaltam que ainda não é possível afirmar que existe um conceito de práticas corporais que seja consenso no campo da Educação Física. Na forma de conceito, Silva (2014, p. 18) diz que:

Em síntese, pode-se dizer que as práticas corporais são fenômenos que se mostram, prioritariamente, ao nível corporal, constituindo-se em manifestações culturais, tais como os jogos, as danças, as ginásticas, os esportes, as artes marciais, as acrobacias, entre outras. Esses fenômenos culturais que se expressam fortemente no nível corporal e que, em geral, ocorrem no tempo livre ou disponível, com importante impacto orgânico. São constituintes da corporalidade humana e podem ser compreendidos como forma de linguagem com profundo enraizamento corporal que, por vezes, escapam ao domínio do consciente e da racionalização, o que lhes permitem uma qualidade de experiência muito diferenciada de outras atividades cotidianas.

O termo Práticas Corporais na Educação Física ganhou força com a publicação da Base Nacional Comum Curricular - BNCC da Educação Física Escolar (BRASIL, 2018). A BNCC pelo que consta no documento divide as práticas corporais na Educação Física Escolar por “Unidades Temáticas” da seguinte forma: Brincadeiras e jogos; Esportes; Ginásticas; Danças; Lutas; Práticas Corporais de Aventura¹⁵. De acordo ainda com o documento da BNCC, a Educação Física é o componente curricular que tematiza as práticas corporais em suas diversas formas de codificação e significação social, entendidas como manifestações das possibilidades expressivas dos sujeitos, produzidas por diversos grupos sociais no decorrer da história. Nessa concepção, o movimento humano está sempre inserido no âmbito da cultura e não se limita a um deslocamento espaço-temporal de um segmento corporal ou de um corpo todo. Segundo o documento da BNCC,

Nas aulas, as práticas corporais devem ser abordadas como fenômeno cultural dinâmico, diversificado, pluridimensional, singular e contraditório. Desse modo, é possível assegurar aos alunos a (re)construção de um conjunto de conhecimentos que permitam ampliar sua consciência a respeito de seus movimentos e dos recursos para o cuidado de si e dos outros e desenvolver autonomia para apropriação e utilização da cultura corporal de movimento em diversas finalidades humanas, favorecendo sua participação de forma confiante e autoral na sociedade (BRASIL, 2018, p.215).

De acordo com Furtado (2020) é viável a afirmação de que o que chamamos de práticas corporais, formam-se a partir de um conjunto de técnicas, de dinâmicas e de intencionalidades sociais. Ou seja, as danças, os esportes, as lutas, os jogos e brincadeiras, as ginásticas e as demais manifestações corporais que estamos por ora denominando de práticas corporais, possuem sempre uma gama de técnicas corporais e dinâmicas específicas que tornam possível os sujeitos reconhecerem essas manifestações.

Em princípio, o documento da BNCC enfatiza que todas as práticas corporais da Educação Física podem ser objeto do trabalho pedagógico em qualquer etapa e modalidade de ensino. Ainda assim, alguns critérios de progressão do conhecimento devem ser atendidos, tais como os elementos específicos das diferentes práticas corporais, as características dos sujeitos e os contextos de atuação, sinalizando tendências de organização dos conhecimentos. Assim, pode-se identificar que no campo da Educação Física existe uma diversidade presente nas práticas corporais que se trabalhada de forma correta possibilitará uma rica vivência nos ambientes escolares, ou seja, que valorize as diversas práticas corporais presentes na Educação Física.

¹⁵ Disponível em <https://www.dicaseducacaofisica.info/> Acesso em 04/12/2021.

Dessa forma, acredita-se que a utilização das diversas práticas corporais da Educação Física pode contribuir para superar a perspectiva do esporte ser o único ou principal conteúdo da Educação Física. Importante frisar que não estou querendo negar a vivência do esporte e sua importância, visto que, como já mencionamos e voltaremos a tratar mais a frente, o futebol será apresentado como uma das atividades esportivas mais praticadas nos quilombos, sendo um meio de integração entre os membros das comunidades. Entretanto, ao refletir sobre a temática do esporte, no contexto da Educação Física, Soares *et al* afirmam que este fenômeno “deve ser analisado nos seus variados aspectos, para determinar a forma em que deve ser abordado pedagogicamente no sentido de esporte da escola e não como o esporte “na” escola” (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

Se pararmos pra pensar na diversidade das práticas corporais no contexto educacional é comum que nos deparemos com uma Educação Física em que o conteúdo básico das aulas são os esportes coletivos, geralmente conhecidos como voleibol, handebol, futebol e basquete (“quarteto fantástico”). Esses padrões estereotipados socialmente fazem com que o desenvolvimento do corpo seja limitado aos moldes do esperado pelos ideais sociais, o que delimita muitas vezes, a aprendizagem e o desenvolvimento, dificultando suas vivências e consequentemente sua criatividade e liberdade de expressão. Sendo assim, o “quarteto fantástico” utilizado nas aulas de Educação Física coopera para a exclusão, não devendo necessariamente ser erradicado, mas sim utilizado com um teor metodológico que possibilite o desenvolvimento de todas as dimensões presentes no corpo como um todo.

Darido (2005) ressalta que para facilitar a adesão dos alunos às práticas corporais seria importante diversificar as vivências experimentadas nas aulas. Na verdade, a inclusão e a possibilidade das vivências das diversas práticas corporais presentes na Educação Física podem facilitar a adesão do aluno na medida em que aumentam as chances de uma possível identificação. Como disciplina escolar, a Educação Física pertence ao domínio da educação: encontra-se aí sua identidade como prática da escola, organizada por professores da escola para contribuir na formação de crianças, adolescentes, jovens e adultos. De acordo com Vago (2012) uma prática pedagógica de Educação Física que não contemple o esporte é empobrecedora. Mas em sentido inverso considera que um projeto de Educação Física que só contemple o esporte é igualmente empobrecedor da formação cultural que ela pode oferecer a crianças, jovens e adultos.

Para Darido (2005) nas aulas de Educação Física não basta ensinar aos alunos a técnica dos movimentos, as habilidades básicas ou, mesmo, as capacidades físicas. É preciso ir além e ensinar o contexto em que se apresentam as habilidades ensinadas, integrando o

aluno na esfera da sua cultura corporal. No entanto, como alertou Betti (1994), não é propor que a Educação Física na escola se transforme num discurso sobre a cultura corporal, mas uma ação pedagógica com ela. O autor argumenta que a linguagem deve auxiliar o aluno a compreender o seu sentir corporal, o seu relacionar-se com os outros e com as instituições sociais de práticas corporais. Assim, dentro de uma perspectiva de Educação e também de Educação Física seria fundamental considerar os procedimentos, fatos, conceitos, as atitudes e os valores como conteúdos, todos no mesmo nível de importância. Neste sentido

O papel da Educação Física ultrapassa o ensinar esporte, ginástica, dança, jogos, atividades rítmicas, expressivas e conhecimento sobre o próprio corpo para todos, em seus fundamentos e técnicas (dimensão procedimental), mas inclui também os seus valores subjacentes, ou seja, quais atitudes os alunos devem ter nas e para as atividades corporais (dimensão atitudinal). E, finalmente, busca garantir o direito do aluno de saber porque ele está realizando este ou aquele movimento, isto é, quais conceitos estão ligados àqueles procedimentos (dimensão conceitual) (BETTI, 1994 p.05).

Mediante o que lê no autor supra, compreende-se que o professor deve oportunizar as mais variadas vivências para os estudantes, e as práticas corporais da Educação Física escolar como já vimos podem contribuir para o desenvolvimento de crianças, adolescentes e jovens na Educação durante seu processo de ensino e aprendizagem. Estas práticas poderão favorecer aos estudantes o desenvolvimento mais ampliado, conhecendo a si mesmos, promovendo mais respeito pela realidade dos outros estudantes, contribuindo para a formação de indivíduos mais conhecedores de si e críticos. É preciso compreender a Educação Física como componente curricular da escola, que os diversos conhecimentos da Educação Física na sociedade têm propósito de formar cidadãos capazes de serem críticos e que poderão agir de forma adequada perante a cultura corporal de movimento, participando da construção de uma sociedade melhor.

Conti e Palma (2016) ressaltam que como disciplina, a Educação Física possui conteúdos e objetivos próprios que incidem sobre o ser/estar humano na sociedade com suas múltiplas dimensões, sejam elas físicas, psicológicas, afetivas, culturais, morais ou sociais. Assim, precisamos entender que a “Educação Física é uma matéria de ensino, e sua presença traz uma adorável, uma benéfica e restauradora desordem na escola. Esta sua desordem é portadora de uma ordem interna que lhe é peculiar e que pode criar, ou vir a criar outra ordem na escola” (SOARES, 1996, p. 7). E como a Educação Física na escola é ligada à Cultura Corporal, ela possui diferentes conhecimentos, e sobre isso passamos a entender que

[...] a Educação Física não é uma ciência, como propõe a matriz científica, mas uma área de conhecimentos relativos à cultura corporal de movimento, que sistematiza e critica conhecimentos científicos e filosóficos, recebe e envia demandas à prática, às ciências e à filosofia. Concebemos a Educação física como um campo dinâmico de pesquisa e reflexão. Os problemas e as

questões emergem da prática, e sua articulação vem a constituir uma problemática que questiona as ciências e a filosofia (BETTI, 1998, p. 18).

Como destaca o mesmo autor, a Educação Física está voltada á cultura corporal de movimento e a mesma se volta a pesquisa e reflexão que envolve a área. Diante disso a Educação Física passa a:

[...] introduzir e integrar o aluno na Cultura Corporal de Movimento, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la, instrumentalizando-o para usufruir do jogo, do esporte, da dança e das ginásticas em benefício de sua qualidade de vida (BETTI; ZULIANI, 2002, p. 75).

Sendo assim, a Educação Física como as outras disciplinas, possui um conhecimento a ser transmitido aos alunos. Nesse sentido

[...] a Educação Física trabalhada na escola visa à sistematização de situações de ensino e aprendizagem que permitem ao aluno o contato com conhecimentos práticos e teóricos, tornando-se capaz de produzir seus próprios conhecimentos (BIANCHIN, 2011, p. 14).

Desse modo, o professor precisa proporcionar estratégias, recursos para fazer com que o aluno queira aprender e fornecer estímulos para ele se sentir motivado, assim o aluno irá construir e produzir o conhecimento, interagindo aos determinados interesses e convívios sobre tudo aquilo que vai ser estimulado nas práticas de ensino. Segundo Furtado (2020), sabe-se das diferenças culturais, políticas, econômicas e pedagógicas existentes em cada região do Brasil, o que fatalmente gera diferentes práticas e formas de organização do conhecimento. Furtado (2020) em seu estudo organiza uma reflexão histórica e contemporânea sobre os sentidos e as finalidades das práticas corporais na Educação Física escolar. Assim, evidencia que desde o Renascimento até os meandros da modernidade, as práticas corporais estiveram presentes no ideário pedagógico de educadores e de instituições de ensino na Europa e no Brasil com finalidades normativas e utilitárias.

A Educação Física através das práticas corporais presentes em seu universo pode contribuir para o desenvolvimento e ingresso dos estudantes na sociedade de uma forma mais integralizada a partir de sua cultura, pois ao nascer, a criança já se encontra imersa em um meio pré-estabelecido. Ao longo do desenvolvimento da criança são construídos e agregados valores, sendo que a escola como uma instituição de ensino, poderá promover a construção do indivíduo, a partir de sua integração na sociedade. Já que segundo González *et al* (2014) as práticas da cultura corporal do movimento - jogos, brincadeiras, esporte, ginástica, práticas corporais de aventura, entre outras trabalhadas na Educação Física escolar acompanham o indivíduo ao longo de sua história. Dessa forma, é importante buscar a diversidade nas práticas para despertar o interesse dos estudantes, trazendo manifestações provenientes de

outras culturas, instigando a busca pelo conhecimento acerca dos diferentes costumes, pois estimula a curiosidade.

O ensino de Educação Física na escola precisa estar alinhado com práticas significativas para os protagonistas envolvidos. Assim, um dos desdobramentos é pensar as práticas corporais de ginástica, de jogos, de esportes, de danças, de capoeira, de brincadeiras, entre outras, como criações humanas marcadas pelas circunstâncias culturais em distintas temporalidades históricas. A Educação Física na escola para Vago (2012) precisa buscar enriquecer a experiência de infância e de juventude. Dessa forma, o autor pensa na Educação Física escolar como um tempo de enriquecer a experiência humana. Sobre essas experiências Vago (2012) aponta que

Experiências do corpo. Experiência no corpo. Experienciais com o corpo. Experiência de realizar, potencializar e expandir o humano direito ao corpo. Experiências de sociabilidade entre os humanos. Experiência de usufruir o direito às criações culturais dos humanos com seu corpo (os jogos, os brinquedos, as brincadeiras, os esportes, as danças, as ginásticas, a capoeira, entre outras) e direito à sua (re)invenção permanentemente. (p.69).

Portanto, uma das fontes em que podemos nos apoiar segundo Vago (2012) é a própria história escolar da Educação Física. Pois, desde que foi inserida nos programas escolares, algumas práticas tornaram-se clássicas em seu ensino: as ginásticas, os esportes, os jogos, as danças como bem mencionadas ao longo dessa discussão. A essas vêm se juntar outras, como as brincadeiras e os brinquedos populares, e a capoeira.

É preciso também abrir-se para uma aproximação com outras manifestações humanas ainda não consideradas na Educação Física e à produção de tantas mais. É que essas práticas corporais revelam os humanos tanto quanto qualquer outra obra sua: nós lhes atribuímos significados diversos e criamos diversas maneiras de praticá-las. Justamente por isso elas guardam e expressam todos os sentimentos humanos. São marcadas e atravessadas por valores éticos e estéticos que expressam modos de se apropriar dos tempos e dos espaços do viver, modos de sentir, enfim. Como criações do pensamento e da ação humana, são um patrimônio cultural imaterial da humanidade, constitutivas também de sua história.

5.3 PRÁTICAS CORPORAIS DA CULTURA QUILOMBOLA

Quando desenvolvemos o tópico de cultura, já pudemos comentar que nas comunidades quilombolas existem práticas corporais próprias de sua cultura, ou seja, que são próprias de sua tradição. Para o interesse do presente estudo, nessa seção discorreremos melhor, em diálogo com a literatura, a respeito das práticas corporais da cultura quilombola.

Gomes e Pereira (1988) localizam as comunidades quilombolas como celeiros de uma tradição cultural de valorização dos antepassados, calcada numa história de identidade comum, com normas de pertencimento e consciência de luta pelos territórios que habitam e usufruem. Nesse contexto, Silva, Freitas e Galvão (2009) afirmam que o papel das comunidades quilombolas está em garantir uma educação que priorize as culturas tradicionais, inclusive problematize preconceitos que esses grupos sofrem, relacionados sobretudo com as religiões de origem africanas como o Candomblé, dos quais muitos são devotos, e com o misticismo em torno de suas heranças culturais. Esses elementos, para os autores, fazem com que as práticas corporais relacionadas com essas manifestações culturais sejam discriminadas e, com isso, deixem de ser praticadas.

De acordo com Gaia *et al.* (2021), as práticas corporais quilombolas são identificadas em suas potencialidades no tocante à cultura corporal do movimento, em que os corpos quilombolas se auto identificam e se socializam no/pelo corpo, conforme suas práticas corporais, como, por exemplo, ocorre com o jongo, coco de roda, samba de cacete e com o “Cumê no Mato”, que são alguns exemplos de práticas corporais da cultura quilombola presentes em muitas comunidades. Para Maroun (2021) o corpo, pode ser considerado como o território pelo qual se observa uma variedade de técnicas corporais ensinadas, transmitidas e compartilhadas entre as gerações de uma sociedade, grupo ou comunidade, expressando costumes próprios e revelando traços particulares do indivíduo e da coletividade na qual o mesmo se insere.

Segundo Silva (2014) a corporalidade pode ser compreendida como a materialidade corpórea em sua forma dinâmica de expressão humana, ao mesmo tempo, única, individual, ainda que, em alguma medida, seja compartilhada por todos. Com essa compreensão observamos que corporalidade é um conceito que se encontra carregado de intencionalidade como toda ação humana o é, em sua dimensão política. Silva (2014) deixa claro que

A corporalidade parece reunir, tanto numa perspectiva epistemológica quanto na atuação profissional com as práticas corporais, as percepções de corpo, movimento e ambiente de uma maneira substantiva. Ao considerar efetivamente essas percepções mencionadas na organização de sua intervenção pedagógica ou terapêutica, há maiores possibilidades de respeitar a inteireza humana e possibilitar melhores experiências (p.17).

No que concerne às práticas corporais de povos remanescentes de quilombos, também chamados de populações quilombolas, a presença dos estudos decorre das duas últimas décadas. Isto porque, apesar do registro na Constituição Federal de 1988, em seu Art. 215, de uma agenda propositiva destinada aos povos remanescentes de quilombos, estes só vão existir, de fato, a partir de 2004, com o “Programa Brasil Quilombola” da Secretaria de

Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR). A chamada “Agenda Social Quilombola” apresentava os seguintes eixos: acesso à terra; infraestrutura e qualidade de vida; inclusão produtiva e desenvolvimento local; e direitos e cidadania (ALMEIDA *et al.*, 2017).

Maroun (2021) em seu estudo apresenta algumas referências bibliográficas e dados empíricos que apontam para a centralidade do corpo nos processos de construção e reafirmação das identidades quilombolas a partir da observação de diferentes contextos/práticas educativos/as. Em alguns casos, isso foi confirmado por meio da observação do protagonismo assumido por determinadas práticas culturais/corporais, tais como danças, festividades, práticas de lazer e sociabilidade entre outras. Duas características comuns da organização territorial quilombola no Brasil, de acordo com dos Anjos (2005) é: a) distribuição esparsa das construções no território e b) ocupação de regiões de topografia acidentada, na encosta de serras, vales e beiras de rio. Essas são características de boa parte dos territórios quilombolas e determinam seu modo de ser e suas práticas corporais.

Em seu estudo os autores Silva e Falcão (2012) apontam que as práticas corporais são compreendidas por eles, para além de “técnicas corporais”. Segundo estes

Podem ser mais bem compreendidas como conjuntos dessas técnicas com sentidos e significados coletivos e historicamente construídos, característicos das manifestações culturais capazes de englobar as relações de poder, a linguagem e o trabalho. São brincadeiras, jogos, danças, esportes, manifestações culturais, todos portadores de incontáveis técnicas em sua gestualidade característica, nos movimentos de braços, pernas, quadris, cabeça, no encontro com a música, com a bola, com o rio, com o outro. Só compreendemos mais amplamente o sentido e significado dessas gestualidades, assim como sua permanência ou reconstrução, quando observamos mais integralmente cada prática corporal, constituída ou mobilizada por seres concretos: não apenas o futebol, mas este futebol, ou este forró, capoeira (SILVA, FALCÃO 2012, p.5).

Na grande maioria dos estudos sobre a temática, as práticas corporais das comunidades quilombolas constituem também as memórias sociais desses povos, ou seja, ao mesmo tempo em que estabelecem relações com o passado, fazem e refazem no tempo presente, vinculando-se aos aspectos religiosos, econômicos, políticos, educacionais e de lazer dos remanescentes quilombolas. Silva e Falcão (2012) observaram em seus estudos que nas manifestações culturais dessa parcela da população brasileira (quilombolas) é que, obviamente, não se desenvolvem isoladas do contexto contemporâneo, mas também não são determinadas integralmente por ele, mostrando uma interessante tensão que merece ser mais bem investigada.

Os autores Goulart e Tavares (2021) em seu estudo bibliográfico que tinha por objetivo investigar a constituição da identidade de comunidades quilombolas no Brasil por

meio de suas práticas corporais se ampararam em discussões teóricas que envolvem conceitos ou categorias sobre memória, hibridismo, etnogênese, técnicas corporais, etnia, cultura popular, identidade e patrimônio cultural. Quanto às práticas corporais investigadas observaram 10 manifestações diferentes que se caracterizam como práticas coletivas comunitárias e regionais. Assim, sua percepção é de que as práticas corporais quilombolas de destaque em cada comunidade também podem ser reconhecidas como práticas corporais regionais. Goulart e Tavares (2021) trazem uma discussão sobre as práticas corporais presentes em cada região do Brasil e, segundo esses autores:

As práticas como Jongo e Ticumbi são manifestações típicas da região Sudeste do país e se concentram nos estados do Rio de Janeiro e Espírito Santo. Já na região Nordeste conseguimos localizar práticas como Cirandas, Coco de Roda e Samba de Roda, embora, esta última seja facilmente localizada também em outras regiões. Na região Norte, temos a presença marcante de manifestações como a Luta marajoara e o Carimbó. Neste contexto, podemos apostar que há, pelo menos em alguns casos, como no Quicumbi e no Batuque, uma linha tênue entre a cultura quilombola e a cultura regional ou entre a identidade quilombola e a identidade regional. Possivelmente, as manifestações quilombolas tornaram-se também elementos da identidade regional sem perder, todavia, sua dimensão de alteridade e identidade coletiva quilombola. (GOULART, TAVARES 2021, p.06)

De acordo com essa citação acima, acredito que se pode observar que não tem como apontar uma prática corporal única da cultura quilombola presente em todas as comunidades, e esta pode variar de acordo com a localização regional da comunidade em questão. Como Goulart e Tavares (2021) apontam as manifestações quilombolas tornaram-se também elementos da identidade regional, mas sem perder, todavia, sua dimensão de alteridade e identidade coletiva quilombola. Segundo Silva e Falcão (2012) na infância de crianças quilombolas o que está muito presente nas comunidades são os jogos e brincadeiras tradicionais. Além disso, encontram-se também práticas da contemporaneidade. Silva e Falcão (2012) enfatizam ainda que:

A infância quilombola está bastante ligada aos jogos e brincadeiras tradicionais que fizeram e fazem parte da infância de uma parcela significativa das pessoas. Essas brincadeiras, a despeito de algumas mudanças, atravessaram gerações e podem ser encontradas até hoje, ainda que com menor frequência, tal como a boneca de pano ou sabugo de milho, o carrinho feito à mão, as brincadeiras de roda, de pular corda, de casinha, a amarelinha, o bodoque ou estilingue, a peteca, a bola de mangaba e de pano, dentre outras (SILVA, FALCÃO 2012, p.14).

Jogos e brincadeiras tradicionais são referências importantes para as comunidades quilombolas e podem ser entendidas como um conjunto de hábitos e práticas que têm uma relação simbiótica entre corpo e mente, uma vez que os jogos tradicionais exigem uma explicação mitológica para sua realização (ALMEIDA; ALMEIDA; GRANDO, 2010).

Segundo ainda Silva e Falcão (2012) na maioria das comunidades, a dança é uma das práticas corporais mais presentes na cultura quilombola, algumas danças em sua performance são construídas intencionalmente para afirmar a identidade africana, ainda que por meio de outras práticas corporais mais tradicionais. Dessa forma, o diálogo com Oliveira (2006) através de seu estudo sobre caminhos da Identidade: Ensaio sobre etnicidade e multiculturalismo, permite-me dizer que o corpo, ao se relacionar festivamente com o espaço pela dança, o indivíduo modifica sua vida e ressignifica seu mundo. Mas, não se pode esquecer que a ancestralidade se materializa a partir das diversas manifestações culturais caracterizadas pelas práticas corporais.

Apesar das críticas que vimos no capítulo anterior sobre o esporte como conteúdo central nas aulas de Educação Física, o que se observa é que o futebol também se mantém presente enquanto manifestação cultural dos negros caracterizada pelas práticas corporais. Segundo Pereira (2020) o futebol é uma das atividades esportivas mais praticadas nos quilombos, por não precisar de grandes investimentos e infraestruturas. Diferente do futebol explorado pela mídia, o futebol no quilombo é meio de integração entre os membros das comunidades. Oliveira (2018) em seu estudo sobre as práticas corporais no cotidiano de uma Comunidade Quilombola identificou que no universo das brincadeiras tradicionais o futebol ocupa papel de destaque ao levar em consideração a preferência das crianças. O jogo de futebol ou simplesmente “o jogo de bola” consiste em mais uma prática corporal de lazer que permite a reunião dos moradores das comunidades.

Em outras comunidades, a capoeira está no cotidiano das brincadeiras de suas crianças. De todo modo, é importante dizer que segundo a literatura a capoeira passa a ocupar um lugar importante na dinâmica social dessas comunidades. Segundo Silva, Souza Neto e Benevides (2009), a capoeira é uma das principais práticas corporais tradicionais da cultura quilombola. As práticas de trabalho presentes em muitas comunidades quilombolas também podem ser vistas como uma vivência das práticas corporais da cultura quilombola, já que muitas dessas práticas são rotineiras no dia a dia e até mesmo reproduzidas como forma de lazer e brincadeira por muitos das comunidades. Um exemplo é que algumas pesquisas apontam a pesca como uma prática presente na cultura quilombola e utilizada também como diversão. De acordo com Oliveira (2018) o corpo pesqueiro-quilombola se manifesta e torna visível as identidades tradicional pesqueira e negra-quilombola ao ressignificar e reinventar as suas práticas corporais

Entretanto, segundo ainda Oliveira (2018) é notório que atualmente o tempo dedicado às brincadeiras tradicionais nas comunidades quilombolas vem sendo ressignificado em razão

do aparecimento de outras formas de distração (redes sociais, jogos, vídeos). Para a autora, estas distrações são mediadas principalmente pelo aparelho celular com acesso à rede mundial de computadores que vem ganhando espaço nas comunidades. Em seus estudos, Silva e Falcão (2012) concluem que as práticas corporais identificadas nas comunidades quilombolas estabelecem uma relação com a cultura tradicional que as originaram, mas também com o contexto contemporâneo onde estão imersas, num certo processo de hibridização com a cultura de massas. Setton (2004) apoia a ideia de que a cultura de massa pode ser considerada uma terceira cultura, ou seja, uma cultura que se alimenta a partir de uma relação de interdependência com outras culturas seja esta escolar, nacional ou religiosa. Sobre este aspecto Freitas, Silva e Falcão (2009) afirmam que:

A tensão entre a cultura dominante, cultura de massa e cultura popular levou, com o passar do tempo, ao esquecimento de muitas festas, jogos, danças e brincadeiras tradicionais, que possibilitavam o encontro entre famílias e os 30 estabelecimentos de redes cooperativas via momentos de descontração. Percebemos também um contraste com os valores lúdicos da cultura negra, uma vez que há um certo distanciamento das práticas culturais tradicionais dos descendentes afro-brasileiros (p. 97- 99).

Nas comunidades quilombolas a realidade relatada na literatura acadêmica sobre o tema, é que existe uma diversidade de práticas vivenciadas muito grande nessas comunidades, e uma delas são as festividades que constituem momentos fundamentais de encontro e reencontro, de manutenção da unidade e construção permanente de suas identidades. De todo modo, observa-se que as festividades constituem-se em momentos extraordinários, quando ocorre boa parte das práticas corporais que dinamizam a vida social, e se tornam elementos agregadores das comunidades. Segundo Silva e Falcão (2012) algumas festas que compõem o ciclo anual de festividades dessas comunidades quilombolas, são todas em homenagem a santos católicos. Essas envolvem praticamente todo o povo da comunidade. Se pararmos para pensar essa é uma realidade muito presente nessas comunidades, tendo em vista a força que o catolicismo tem dentro das comunidades sendo a igreja católica uma das grandes representantes e influência dentro da comunidade.

Schmitt, Turatti e Carvalho (2002) sobre a diversidade de cultura presentes nas comunidades e que relacionam religião com as práticas corporais, apontam que:

A grande diversidade de processos de constituição de comunidades quilombolas determina uma definição dilatada das comunidades remanescentes quilombolas. Segundo estas autoras, o termo em questão indica a situação presente dos segmentos negros em diferentes regiões e contextos e é utilizado para designar um legado, uma herança cultural e material que lhe confere uma referência presencial no sentimento de ser e pertencer a um lugar específico (SCHMITT, TURATTI & CARVALHO, 2002, P. 04).

Tal hipótese ganha força quando os autores identificam nas pesquisas analisadas que as manifestações estão relacionadas a práticas de devoção aos santos católicos. Segundo Caroso *et al.* (2018) diversas manifestações festivas merecem destaque nas comunidades quilombolas pelos momentos de sociabilidade que proporcionam e de transmissão do patrimônio religioso, estético-artístico e musical. Nas festas se encontram presentes músicas e cantorias do Samba de Roda e brincadeiras de intensa participação infantil e de expressão ritual e relacional. Goulart e Tavares (2021) entendem as práticas corporais como elementos indissociáveis da construção da identidade e do processo de lutas de resistência, reconhecimento e direitos dos remanescentes quilombolas.

Portanto, levar em consideração todos esses elementos implica compreender os sujeitos em suas relações sociais e ambientais, o que garante certa objetividade ao analisar os usos e o papel das práticas corporais em seu modo de ser quilombola. Assim, debater sobre as práticas corporais quilombolas é uma forma de chegar à dimensão social das expressões, manifestações e significados corporais, possibilitando a consolidação de um novo entendimento nessa conjuntura social. As práticas corporais quilombolas, dentro do campo de movimento e de produção cultural, são formas legítimas de manifestação da comunidade, de resistência, de valorização étnica, de luta política, e não podem ser camufladas ou sufocadas por outras políticas ou práticas hegemônicas (SOUZA; LARA, 2011). Nos estudos realizados, pode-se constatar que as práticas corporais pesquisadas são as mais diversas utilizadas pelas comunidades quilombolas e constituem momentos fundamentais de encontro e reencontro, de manutenção da unidade e construção permanente de suas identidades.

Goulart e Tavares (2021) em um estudo bibliográfico sobre as práticas corporais em comunidades quilombolas apontam que há uma primeira evidência encontrada nos trabalhos analisados que reside no fato das pesquisas possuírem como ponto em comum práticas corporais coletivas. Já os estudos de Gaia *et al* (2021) sobre as práticas corporais em comunidades quilombolas, configura-as como um campo inesgotável de pesquisa devido toda a sua pluralidade cultural e diversidade. Investigações realizadas sobre a temática quilombola podem contribuir para o acervo de práticas corporais dessas populações, considerando a tradição e a construção da identidade nacional. Portanto, estudá-las seria uma forma de chegar à dimensão social das expressões, das manifestações e dos significados corporais, possibilitando a consolidação de um novo entendimento das dinâmicas e relações sociais no cenário das comunidades quilombolas. Dessa forma, Goulart e Tavares (2021) apontam que os estudos revisados demonstraram a relevância das práticas corporais em comunidades quilombolas do Brasil.

Porém, não é possível definirmos uma identidade quilombola única. Por mais que determinados povos tenham sua origem histórica como elemento em comum, cada comunidade ao longo do tempo adquiriu e desenvolveu contornos identitários, de alguma maneira, diferenciados. Nesse sentido, as diferentes práticas corporais são formas legítimas de manifestação cultural dessas comunidades, cujo objetivo é proporcionar a sua valorização étnica.

6 APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS.

Participaram do estudo 04 pessoas pertencentes e que mantêm uma relação com a Escola Quilombola Santo André localizada na comunidade quilombola do Baixo Itacuruça, município de Abaetetuba-Pa. Sendo 03 do sexo masculino e 01 do sexo feminino. Quanto à escolaridade, observou-se que três possuem nível superior sendo que dois cursaram em instituição pública e o outro em instituição privada e nenhum possui pós-graduação, um dos sujeitos disse que chegou a iniciar o ensino superior em uma instituição pública mais não concluiu.

Ambos os professores de Educação Física que estão atualmente na escola possuem pouco tempo de experiência na escola, um é da comunidade e outro da cidade. Dos quatro sujeitos entrevistados três são quilombolas. Entretanto, o que não é quilombola e que está atualmente na escola ressaltou que apesar de ser novo na comunidade do Baixo Itacuruça sua experiência com comunidades ribeirinhas e quilombolas nas ilhas de Abaetetuba é vasta. O diretor da escola que é da comunidade tem de 12 a 13 anos trabalhando com educação na comunidade.

Como vimos no decorrer desse trabalho a cultura quilombola e suas práticas corporais são múltiplas, e consequentemente essas práticas podem assumir sentidos e significados diferentes de acordo com o contexto em que cada comunidade se encontra. Assim, apresentamos os resultados da pesquisa realizada junto aos sujeitos com o intuito de descrever as contribuições que os conhecimentos da cultura quilombola e suas práticas corporais podem propiciar a disciplina de Educação Física e de que forma esta disciplina pode estar contribuindo para a difusão da cultura quilombola na Escola Quilombola Santo André e na própria comunidade.

Em razão da não identificação dos sujeitos os dados coletados das suas falas serão identificados pela letra “S” seguida de um número correspondente aos sujeitos, sendo eles S1, S2, S3 e S4 como mostrados no quadro 01 na metodologia. A fim de facilitar a compreensão, os dados foram organizados em quatro tópicos, que são os seguintes: 1) As práticas da cultura

quilombola na Escola Quilombola Santo André; 2) ARQUIA e Comunidade: A Participação e o envolvimento com as Práticas Corporais Quilombolas na Escola; 3) Práticas Corporais Quilombolas: Educação Física Escolar e o Projeto Político Pedagógico - PPP; 4) A Contribuição da Educação Física para a Cultura Quilombola.

6.1.1 AS PRÁTICAS DA CULTURA QUILOMBOLA NA ESCOLA QUILOMBOLA SANTO ANDRÉ

A cultura quilombola possui uma diversidade de tradições, costumes e cosmologias que são transmitidas de geração a geração, um saber empírico que vai se construindo e reconstruindo ao longo da história (FURTADO; PEDROZA; ALVES 2014). Dessa forma, nesse primeiro tópico, a observação diz respeito ao conhecimento dos sujeitos sobre as práticas corporais da cultura quilombola, além de buscar identificar como que essas práticas estão presentes nas aulas de Educação Física e na escola de um modo geral. Segundo Cardoso *et al* (2019) a busca de um caminho possível para compreender a cultura quilombola, deve se dar a partir do imaginário social construído por seus representantes

Sendo assim, parte dos sujeitos entrevistados compreende que as práticas quilombolas possuem dimensões educacionais, sociais, políticas e culturais. E que é necessário que a introdução dessas práticas da cultura quilombola no contexto escolar deva considerar particularidades, como o contexto geográfico, histórico, a localização, e a origem da comunidade que a escola está inserida. Além disso, as práticas da cultura quilombola para a maioria deles envolvem a dança, jogos e principalmente a capoeira e até mesmo as próprias brincadeiras das crianças no seu dia a dia, como também no próprio subir e descer das rampas, miritizeiros, escadas, e no embarque e desembarque das embarcações.

Logo, quando pensar a educação para quilombolas, segundo Santos *et al.* (2019, p. 56), é “necessário reconhecer a identidade e a cultura, percebendo seus elementos para construí-los enquanto conteúdos escolares, a partir do diálogo com a comunidade”. Sobre este aspecto Freitas; Silva; Falcão (2009) afirmam que:

A tensão entre a cultura dominante, cultura de massa e cultura popular levou, com o passar do tempo, ao esquecimento de muitas festas, jogos, danças e brincadeiras tradicionais, que possibilitavam o encontro entre famílias e o estabelecimento de redes cooperativas via momentos de descontração. Percebemos também um contraste com os valores lúdicos da cultura negra, uma vez que há um certo distanciamento das práticas culturais tradicionais dos descendentes afro-brasileiros (FREITAS; SILVA; FALCÃO, 2009, p. 97-99).

Para a direção da escola sempre se teve bastante dificuldades na integração da cultura quilombola na prática de ensino da instituição. Pois, só atualmente a escola conta com uma

professora de Educação Física formada de dentro da comunidade que busca trazer algumas práticas corporais da cultura quilombola e implementar de alguma forma. De acordo com a direção sempre era mandado para a escola um professor da cidade para atuar com o ensino fundamental, o qual na teoria falava em fazer essa implementação da cultura quilombola em suas aulas, mas que na prática isso não acontecia. Atualmente com essa professora de Educação Física da comunidade na escola se percebe uma adequação as brincadeiras da cultura quilombola e que acaba por ter uma boa aceitação das crianças por serem brincadeiras que eles já conhecem e praticam. Segundo o entrevistado:

[...] Olha, a gente sempre teve bastante dificuldade nesse sentido aí né, nessa integração. A gente sempre tinha alguém que substituía na teoria, pois na prática era bem diferente. Era um professor que só colocava lá o conteúdo. Então, hoje a gente tem uma profissional que está atuando como professora de Educação Física e ela tenta adequar as formas das brincadeiras, dessas brincadeiras culturais que a gente trata aqui de brincadeiras quilombolas dentro da prática e ela trabalha (S1).

Entretanto, para o sujeito 01 essas práticas como a dança só acontecem na escola em períodos festivos como mês de junho na festa junina e o dia da consciência negra em novembro, pois são a partir dessas datas que a escola busca trazer práticas tradicionais da cultura quilombola por meio de apresentações de dança e feiras culturais. Dessa forma, Candau (2016) destaca que a preocupação em se discutir as questões relacionadas às diferenças culturais, tanto na sociedade quanto nos ambientes educacionais, vem aumentando. Contudo, a autora ressalta ainda que se tivermos como referência a interculturalidade crítica e a superação do trato superficial e estereotipado, como geralmente ocorre com as relações étnico-raciais, que são abordadas de forma pontual em datas comemorativas, os desafios ainda são muitos. Observou-se ainda por parte dos sujeitos que o trabalho desenvolvido em comunidades quilombolas é diferenciado de uma escola localizada na zona urbana. No entanto, parte dos professores de Educação Física da escola afirmam que em seu planejamento, buscam encontrar uma forma de fazer com que as pessoas da comunidade, demonstrem as práticas que são de conhecimento próprio, bem como lhes dar a oportunidade de ensinar sobre elas. Vejamos a fala:

[...] Em meu planejamento, eu busco encontrar uma forma de fazer com que as pessoas da comunidade, demonstrem as práticas que são de seu conhecimento próprio, bem como lhes dar a oportunidade de ensinar sobre elas, porque eu acredito ser importante saber quais as práticas que estão presentes na comunidade (S4).

Carvalho (2014) acredita que os jogos, danças e brincadeiras que estão presentes nas comunidades quilombolas são campos de estudos da Educação Física, são categorias significativas que precisam ser potencializadas dentro e fora da escola, que podem colaborar

para o reconhecimento das relações sociais e culturais uma vez que são significativas para as crianças. Dessa forma, para a difusão da cultura quilombola dentro da escola um dos professores de Educação Física pontuou que existe um projeto que vem sendo pensado para ser desenvolvido na escola que são os jogos quilombolas, os quais têm por objetivo trazer algumas atividades. Sobre isso, destacamos a seguinte fala:

[...] A gente tem um projeto dos jogos quilombolas em novembro de trazer essas atividades, só que assim, a gente á de entender também que não são todos que querem participar dessas ações até mesmo a própria comunidade se nega a certos tipos de atividade, agora sim, se você fazer lá nos jogos quilombolas com um campeonato de futebol a aceitação vai ser imensa, mas se você for fazer uma roda de capoeira, por exemplo, não vai ter talvez eu acho acredito que ninguém que queira participar que vá participar e tenha conhecimento dessa modalidade. Então assim, a gente tem que ir levando da maneira que a gente possa agradar, agradar aos membros da comunidade (S3).

Parte dos sujeitos enfatiza que a escola tem poucos projetos principalmente no período de pandemia e que acabou dando uma parada no desenvolvimento desses projetos. Segundo estes sujeitos a escola costumava ter alguns, como a feira que envolvia tanto comunidade escolar como externa. Através da feira era possível gerar informação e até mesmo uma certa renda para os moradores que fazem vendas. Então através da feira era possível de trazer a cultura quilombola para dentro da escola. Segundo nos foi relatado

[...] A feira era um marco dentro da escola que envolvia tanto a comunidade escolar como a comunidade local, é no geral né abria espaço pra todo mundo, era o nosso ponto como escola era o nosso ponto forte né dentro da comunidade porque a gente conseguia naquele evento abranger todo mundo a gente conseguia é através da feira trazer informação, a gente conseguia trazer exposição de elementos da comunidade a gente conseguia trazer é as apresentações da cultura a cultura, resgatar essa nossa cultura e até a própria renda né por que no evento vinham membros da comunidade fazer sua vendinha lá fora, vendia seu chop, vendia seu doce (S1).

No entanto, no geral os sujeitos compreendem que precisa existir um apoio da comunidade para que os projetos e as práticas da cultura quilombola possam ser desenvolvidos na escola. Logo, foi possível de se identificar pelas falas dos sujeitos que a escola pensa em promover eventos voltados à cultura quilombola, mas que infelizmente não há uma grande participação da comunidade, muitas vezes até se negando a participarem. É geral que apesar de ser uma comunidade quilombola há uma resistência muito grande por parte do corpo discente da escola em praticar atividades diferenciadas daquelas que estão acostumadas a praticar, como o jogo de futebol, que é uma prática muito presente na comunidade. O esporte é uma das principais manifestações sociais do séc. XXI, além de ser soberano nas aulas de Educação Física escolar (BRACHT, 2000; DARIDO, 2003; PAES, 1996). Esse predomínio do conteúdo esportivo, sobretudo o futebol, faz com que ele seja o

principal (ou único) tema das aulas durante toda a formação escolar para muitos estudantes que, inclusive, o entendem como sinônimo de Educação Física.

Parte dos sujeitos afirma que se fizer uma roda de capoeira, por exemplo, não vai ter praticamente ninguém que queira participar e tenha conhecimento dessa modalidade. Pois apesar de ser uma prática corporal muito forte da cultura quilombola, poucos da comunidade têm conhecimento sobre ou já praticaram. Segundo Silva, Souza Neto e Benevides (2009), a capoeira é uma das principais práticas corporais tradicionais da cultura quilombola, que pode ser inserida nas aulas de Educação Física. Na visão dos autores, ainda há necessidade de se investir em estudos voltados para os efeitos sociais da capoeira na educação e em como essa prática vem contribuindo para o bem-estar dessas comunidades. No geral os sujeitos compreendem que é importante a presença da cultura quilombola na escola, até mesmo por uma garantia constitucional como pontua o representante da ARQUIA.

[...] Essa é uma lei uma luta do povo quilombola aplicar a disciplina brasileira dentro das escolas não só das escolas quilombolas, mas do Brasil, então indispensavelmente deve ser e obrigatoriamente dentro das escolas que estão dentro das comunidades quilombolas né (S2).

Dessa forma, em minha análise apesar de não terem muito conhecimento sobre as práticas corporais da cultura quilombola, a maioria deles entende a importância da implementação dessas práticas da cultura quilombola na escola, principalmente pela questão do conhecimento para que assim haja a transmissão dos costumes do modo de viver dessas comunidades. Para parte dos sujeitos tem coisas que não podem ficar no esquecimento, ou seja, como o povo quilombola se organizou e como se resistiu. Como podemos ver na fala seguinte:

[...] É importante sim, é importante ter a presença da cultura quilombola na escola, e deve até mesmo por uma garantia que é constitucional que é uma lei uma luta do povo quilombola aplicar a disciplina brasileira dentro das escolas não só das escolas quilombolas, mas do Brasil, então indispensavelmente deve ser e obrigatoriamente dentro das escolas que estão dentro das comunidades quilombolas né. Então é muito importante isso por que a questão do conhecimento da transmissão dos nossos costumes como o nosso viver, tem coisas que não podem ficar no esquecimento, como se organizou e como se resistiu. Então é de suma importância sim ter o conteúdo afrodescendente ser destinado a essas escolas que estão em território quilombola. É de extrema importância manter viva essa ancestralidade (S2).

Dessa forma, compreende-se que a história do povo quilombola, sua cultura precisa ser repassada e a escola tem um papel fundamental para que essa difusão de conhecimento aconteça. Então, é notória por parte dos sujeitos a importância de se ter o conteúdo afrodescendente dentro das escolas que estão em território quilombola para que assim se mantenha viva a ancestralidade do povo quilombola e sua cultura.

6.2.2 ARQUIA E COMUNIDADE: A PARTICIPAÇÃO E O ENVOLVIMENTO COM AS PRÁTICAS CORPORAIS QUILOMBOLAS NA ESCOLA.

Nesse segundo tópico, a análise se refere à participação e o envolvimento que a ARQUIA e a comunidade têm com a escola e as práticas corporais da cultura quilombola. De acordo com Souza e Lara (2011) debater sobre as práticas corporais quilombolas é uma forma de chegar à dimensão social das expressões, manifestações e significados corporais, possibilitando a consolidação de um novo entendimento nessa conjuntura social. As práticas corporais quilombolas, dentro do campo de movimento e de produção cultural, são formas legítimas de manifestação da comunidade, de resistência, de valorização étnica, de luta política, e não podem ser camufladas ou sufocadas por outras políticas ou práticas hegemônicas.

Nesse sentido, compreende-se que a ARQUIA que é a associação que representa as comunidades quilombolas das Ilhas de Abaetetuba tem muito a contribuir com a escola e a comunidade para conhecimento histórico e cultural da cultura quilombola. Todavia, a comunidade do Baixo Itacuruça de um modo geral também pode dar essa contribuição a partir do momento em que busca participar das discussões dentro da escola fazendo com que suas práticas corporais e sua cultura entejam vivas dentro daquele ambiente de ensino. De acordo com Pedroza *et al* (2018) sendo a escola espaço de resistência e instrumento de transformação social, ao se trabalhar seus currículos com os saberes da cultura afro-brasileira, há de se contribuir para superar a invisibilidade social desses sujeitos, auxiliando no seu empoderamento e na autoafirmação da sua identidade.

No entanto, apesar de no geral os sujeitos compreenderem que a participação de todos da comunidade na escola é extremamente importante para que essas práticas da cultura quilombola venham a acontecer, infelizmente essa ainda é uma questão complicada e de muitas dificuldades de acordo com os entrevistados. Para a maioria dos sujeitos entrevistados boa parte da comunidade ainda não tem essa compreensão e aceitação do que realmente seja ser quilombola, ou seja, apesar de morarem em uma comunidade quilombola não costumam ter com frequência essa vivência das práticas corporais quilombolas dentro e fora da Escola. E quando a escola busca promover algo voltado à cultura quilombola muitos até se negam a participar dessas atividades. Vejamos a fala de um dos sujeitos sobre essa questão:

[...] Rapaz é uma questão meio complicada (risos). Olha, na verdade, a gente ainda tem muita dificuldade dessa participação da comunidade nessas programações. É uma questão que muitos ainda não têm essa aceitação do que realmente seja ser quilombola, sou seja, fala o conceito do quilombola. Mas não tem essa, essa, essa vivência, essa prática. Então é hoje tá mais os

jovens, os jovens que estão com essa participação, hoje a gente vê mais a participação dos jovens devidamente estão envolvidos e engajados nos grupos, nos grupos de comunidade, no grupo escolar. Então os jovens eles se fazem mais presente nessas participações, na comunidade é lançado o convite, mas são bem poucos aqueles que vêm para se envolver mesmo nada nessa ação. Aí eles veem como diz o nosso linguajar “apreciar” mais se envolver mesmo são bem poucos (S1).

Como vimos à cima a participação e envolvimento com a cultura quilombola vêm acontecendo mais pelos jovens que estão envolvidos e engajados em grupos, ou seja, nos grupos de jovens da comunidade, no grupo escolar. Identificou-se ainda que existe uma participação também de alguns antigos da comunidade que têm um certo conhecimento e costumam ter uma participação ativa dentro da comunidade, e quando a escola promove eventos voltados à cultura quilombola como no dia da consciência negra eles participam trazendo seu conhecimento através da contagem de histórias. Assim, a escola busca lançar o convite para comunidade participar de tudo que envolve a cultura quilombola na escola, mas são bem poucos os que se envolvem. Vejamos uma das falas:

[...] Aí tem aqueles antigos que têm um conhecimento e uma participação ativa na comunidade, trazendo esse conhecimento na contagem das histórias e através das histórias deles a gente consegue se reportar ao passado, do tempo que eles viveram e hoje em dia a gente tem uma das nossas, nossos idosos que estão sempre presentes, que a exemplo tempos a dona Helena que através das suas histórias e hoje em todos os eventos ela está bem famosa com seu banho de cheiro Lá ela é bastante convidada. Ela é uma pessoa que a gente percebe a presença dela na comunidade, e assim pra todo lugar que convidam ela está lá com sua dança, com seu banho de cheiro, com suas histórias (S1).

De acordo com Ferreira e Felzke (2021) faz-se necessário a oferta de condições no espaço escolar priorizando o diálogo de forma igualitária. Nesse sentido, compete à escola o papel de possibilitar espaços nos quais o diálogo, a comunicação e a troca de conhecimentos, de valores e de atitudes entre diferentes culturas possam acontecer. Nesse sentido, uma das questões feitas durante a pesquisa buscou compreender como que se dá a relação da ARQUIA com a Escola Quilombola Santo André. Através das análises, identificou-se que a relação da ARQUIA com a escola quilombola Santo André sempre foi a melhor possível, principalmente com a gestão anterior da escola, pois nessa gestão segundo a ARQUIA sempre a coordenação pedia apoio da coordenação da associação para determinados assuntos que acreditava ser importante ter o apoio. Então através dessa relação entre a ARQUIA e a escola houve muitas conquistas para a escola como pode-se ver na fala a seguir

[...] Esse apoio não acontecia na parte administrativa da escola na parte pedagógica, mas na parte social, e então a relação foi a melhor possível, pode-se se dizer assim a gente teve várias conquistas juntos da problemática desde essa implementação como planta de engenharia que não tava

condizendo com nossa realidade e aí foi repassado para a gente em reunião teve umas cobranças e então sempre havia uma comunicação né (S2).

No entanto, nos últimos anos essa parceria não vem acontecendo, já que não se tem uma gestão de acordo com o sujeito 2 totalmente comprometida e que olhe pela importância do papel social da ARQUIA. Torna-se importante frisar que essa falta de comunicação que vem acontecendo é com a coordenação pedagógica do Ensino Médio, já que a escola ainda é anexa à EEEFM - Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Prof Benvinda de Araujo Pontes de Abaetetuba e o Ensino Médio é coordenado pelo diretor dessa escola que dificilmente frequenta a comunidade. Com a coordenação do fundamental a ARQUIA ressalta que existe uma boa relação até mesmo pelo fato do diretor ser da comunidade e compreender a importância da ARQUIA e do movimento quilombola. Venâncio e Darido (2012) vão dizer que o trabalho coletivo na escola pressupõe romper com os paradigmas da individualidade, da falta de objetividade, e aponta para um paradigma da coletividade e busca de objetivos comuns, coerentes, relevantes e dialógicos. Sobre essa questão de relação, destacou-se a seguinte fala:

[...] Então essa relação tá um pouco ausente até por que não foi indicado um novo presidente, mas a gente espera que em breve seja indicado logo esse coordenador pedagógico né que vai ser o diretor vamos dizer assim da parte do Ensino Médio, mas com a parte do fundamental a gente tem uma boa relação, o diretor da parte fundamental que é aplicado lá na escola é quilombola, ou seja, é da comunidade, então é uma boa relação (S2).

Segundo Pedroza *et al* (2018) se considerarmos os saberes advindos da cultura afro-brasileira, em especial de comunidades quilombolas, notaremos uma invisibilidade desses grupos sociais no currículo escolar e a desconsideração desses conhecimentos nos projetos educacionais. Nesse sentido, os autores enfatizam ainda que as dificuldades enfrentadas pelos conhecimentos quilombolas de serem inseridos na educação escolar no Brasil estão relacionadas com o processo histórico de construção identitária do país, em que esses grupos vêm sendo excluídos e invisibilizados.

Dessa forma, na análise final ficou evidente que tanto a direção da escola quilombola Santo André como a ARQUIA, compreendem ser importante que a Escola comece a pensar propostas significativas que envolva a cultura quilombola e suas práticas corporais para que assim se possa alcançar o máximo todas as comunidades que estão presentes na escola. Naquela comunidade isso se reveste de muita importância, uma vez que a Escola quilombola Santo André, segundo os sujeitos, é a primeira escola quilombola, ou seja, ela não é simplesmente a escola do Baixo Itacuruça, é a Primeira Escola da região das áreas de comunidades quilombolas do município de Abaetetuba.

Bahia (2009) acredita que a qualidade do ensino depende da existência de uma organização escolar eficiente, que desenvolva um projeto pedagógico articulado por meio da mobilização e do compromisso dos diretores, coordenadores, professores e comunidade, tornando a escola um local de articulação profissional. A Escola Quilombola Santo André no momento além da comunidade do Baixo Itacuruça chega a receber alunos de onze comunidades vizinhas dentro daquele espaço. Então a escola precisa estar preparada para receber esses indivíduos, pois esses alunos são representantes de suas comunidades. Mas, para que essas ações de inclusão da Cultura quilombola venham a acontecer é importante a participação da comunidade, para que esse conhecimento chegue a todos, ou seja, para além dos muros da escola, e não sigam no desconhecimento e muito menos invisibilizados.

6.3.3 PRÁTICAS CORPORAIS QUILOMBOLAS: EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E O PROJETO POLITICO PEDAGÓGICO - PPP.

Carvalho (2014) acredita ser importante estudar e interpretar as práticas corporais como cultura que os quilombolas tecem e a ela se prendem, à medida que estabelecem relações que influenciam diretamente nas suas ações coletivas. Isso denota a própria interação que os quilombolas mantêm com a cultura, tomada por meio da compreensão das estruturas e dos comportamentos sociais dos indivíduos. Nesse sentido, esse terceiro tópico refere-se à relação entre as práticas corporais da cultura quilombola com a Educação Física em sentido amplo, elencadas pelos sujeitos. Também será analisado a relação que existe entre as práticas corporais da cultura quilombola realizada nas aulas de Educação Física e o PPP da escola.

De início, pode-se apontar que no geral os sujeitos entrevistados compreendem que as práticas quilombolas são importantes demais para a Educação Física, já que para a maioria o professor de Educação Física trabalha muito com as práticas corporais e essas atividades quilombolas são importantes, pois mexem muito com o corpo, com o condicionamento físico, cardiorrespiratório. Além disso, entendem que dependendo da prática quilombola que for introduzida na escola, ela pode ser utilizada e aplicada a partir de rodas de conversas, oficinas, de demonstração e construção, danças, jogos ou objetos. Vejamos as falas

[...] Olha as práticas quilombolas dessas atividades são importantes demais na nossa área, a gente trabalha muito com as práticas corporais e essas atividades são importantíssimas, pois mexe com o corpo, com o condicionamento físico, cardiorrespiratório, enfim, então são importantes demais (S3)

[...] Olha assim, dependendo da prática que for introduzida na escola, ela pode ser utilizada e aplicada a partir de rodas de conversas, de mini oficinas de demonstração e de construção, de danças, jogos ou objetos (S4).

Segundo Cardoso *et al.* (2019) a dança, é um aspecto muito presente na cultura quilombola e que é vista pelo imaginário social como uma forma de comunicação, autoconhecimento e expressão de sentimento e sensibilidades.

Em se tratando do PPP, de acordo com Guedes (2021), este é o principal documento direcionador da escola, e tem como objetivo principal orientar o trabalho desenvolvido em todas as instâncias que nela estão inseridas ou associadas e envolve questões administrativas, pedagógicas e políticas. De forma mais ampliada Freitas *et al.* (2004) afirmam que

O projeto pedagógico não é uma peça burocrática e sim um instrumento de gestão e de compromisso político e pedagógico coletivo. Não é feito para ser mandado para alguém ou algum setor, mas sim para ser usado como referência para as lutas da escola. É um resumo das condições e funcionamento da escola e ao mesmo tempo um diagnóstico seguido de compromissos aceitos e firmados pela escola consigo mesma – sob o olhar atento do poder público (p. 69).

Dessa forma, ao serem questionados sobre a relação que existe entre as práticas corporais da cultura quilombola realizadas nas aulas de Educação Física e o PPP identificou-se que o projeto pedagógico da escola está em construção, e que pelo fato da escola ter passado dois anos sem encontros presenciais durante a pandemia, atualmente o PPP da escola está em transformação, ou seja, foram feitas algumas mudanças e já foi encaminhado e está em análise. No entanto, apesar de boa parte dos sujeitos entrevistados pontuarem que quando são promovidos eventos na escola e até mesmo na comunidade com a cultura quilombola existe uma negação por uma parcela da comunidade, é geral por parte da direção que existe um anseio da comunidade escolar para que essas práticas corporais da cultura quilombola sejam implementadas no PPP da Escola. De acordo com Impolceltto (2013) é importante que a escola possa inserir em seu projeto pedagógico questões para refletir os elementos atuais que interferem na construção de um modelo de sociedade que privilegia o bem estar de uns em detrimento da vida digna de muitos. Logo, torna-se interessante que a escola busque incluir em seu PPP a cultura quilombola, para que esses sujeitos tenham conhecimento sobre sua história e cultura.

Algo também interessante a ser frisado é que, enquanto parte dos professores aponta que o PPP trabalhado na escola é anexo ao da EEEFM - Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Prof Benvinda de Araujo Pontes, que fica localizada na zona urbana na cidade de Abaetetuba, tendo que seguir com os conteúdos que são orientados por esse PPP, outro professor explica que ainda não teve acesso ao PPP da escola. Entende-se as dificuldades pessoais, contudo, Venâncio e Darido (2012) destacam que a Educação Física escolar enquanto componente curricular é um dos responsáveis pela formação do cidadão, e

por isso, os professores da disciplina devem participar das discussões referentes à construção do PPP e compartilhar a sua implementação.

Na análise pode-se observar que o PPP da escola durante muito tempo não contempla a cultura quilombola. Para Gonçalves *et al.* (2020) o PPP da instituição escolar ou das organizações educacionais devem considerar as especificidades históricas, culturais, sociais, políticas, econômicas e identitárias das comunidades quilombolas, o que implica numa gestão democrática da escola que envolve a participação das comunidades escolares, sociais e quilombolas e suas lideranças. Nesse sentido, Gomes (2005) apresenta uma discussão sobre o PPP das escolas quilombolas, que devem ser construídos e contextualizados dialogando com a história, com a cultura e com as tradições presentes nas comunidades quilombolas, garantindo as formas de viver específicas e a identidade étnico-racial, ou seja, os conhecimentos dos quilombolas.

Concordo com Silva (2010) sobre a construção de o PPP ser uma forma da escola dar sentido ao seu saber fazer enquanto instituição escolar. É nesse processo que as ações são construídas, desconstruídas e reconstruídas. Para isso, é preciso democratizar e compartilhar as ações da escola e são nesses momentos que a escola revela quem são os seus sujeitos, quais são seus objetivos, suas intenções e, principalmente, sua identidade e de seus educandos. Assim, as escolas quilombolas desenvolverão ações pedagógicas dialogando sempre com as condições e especificidades de cada comunidade.

Entretanto, apesar da cultura quilombola e suas práticas corporais não estarem presentes no PPP, verificou-se que os professores entrevistados de Educação Física buscam de alguma forma incluir práticas da cultura quilombola em suas aulas. Torna-se interessante destacar que para parte dos sujeitos quando se vai observar o que esses novo Ensino Médio orienta para o trabalho a ser desenvolvido com a Educação Física o que aparece são a dança e a capoeira. Entretanto, como bem mencionado ao longo dessa discussão pelos sujeitos a aceitação da comunidade com essas práticas é muito pequena. Na fala seguinte

[...] Se você pegar um livro desse novo Ensino Médio você vai vê lá, tem a dança a capoeira, mas é só aquilo, e como eu tô dizendo pra você a aceitação é muito pouca (S3).

De acordo com Pedroza *et al.* (2018) apesar dos avanços no marco regulatório que obriga a tematização desses saberes na escola, a ausência de material didático-pedagógico que auxilie na mediação desse processo de mudança da cultura escolar é ainda fator preponderante. São, pois, necessárias transformações nos currículos de formação de professores, na formação continuada e de suporte teórico-metodológico das instituições de

ensino para repensar seus projetos pedagógicos. E isso implica na reestruturação da organização do trabalho pedagógico, demandando, necessariamente, a mobilização coletiva dos atores da educação formal.

Segundo a ARQUIA o que se presencia atualmente no ensino voltado para o Ensino Médio na escola é que vem sendo seguindo um critério padrão daquilo que é disponibilizado para as secretarias municipais de educação e repassada para cada escola do município. Logo, para a ARQUIA não tem tanta diferença dentro das escolas quilombolas. Ao analisarmos a fala dos sujeitos, é geral que com o Ensino Médio, existe uma exigência que seja seguida a questão do currículo, ou seja, o que é disponibilizado pelo Estado. Dessa forma, parte dos sujeitos compreende que o ensino voltado para o Ensino Médio na escola não tem adequação à realidade das práticas da cultura quilombola. Vejamos algumas falas

[...] Pois é, outra situação, a gente trabalha com o projeto pedagógico que é voltado...já que a escola é um anexo da benvinda, então o que a gente trabalha é em cima dos conteúdos que são passados pro regular né, e o que a gente tenta fazer é puxar alguma atividade, alguma prática quilombola que possa ser utilizada dentro das nossas aulas, a gente não tem uma especifica para ser trabalhada. Se você pegar um livro desse novo Ensino Médio você vai ver lá, tem a dança a capoeira, mas é só aquilo, e como eu tô dizendo pra você a aceitação é muito pouca (S3).

[...] Bom, nesse momento pelo que eu presencio mais no Ensino Médio ele vem seguindo um critério padrão daquilo que é disponibilizado pra ele através das secretarias municipais de educação que é um padrão universal vamos dizer pra cada município, aí não tem tanta diferença dentro das escolas quilombolas. Então vai muito do professor fazer a busca e a aplicação desses conteúdos nas escolas que são de dentro das comunidades quilombolas, mas eu não vejo nesse momento uma aplicação que esteja fazendo esse resgate, não vejo pela parte cultural assim inserir aproveitar a educação como uma forma de resgate da cultura quilombola, e tanto dentro da escola de ensino fundamental como no Ensino Médio que está em nosso território (S2).

[...] No fundamental maior, eles exigem mais a questão do currículo, sendo que o do currículo, quando eu falo do fundamental maior é o Estado, Ensino Médio, ele segue, o currículo que é estabelecido pelo Estado. Ele não tem essa adequação à nossa realidade. A nossa cultura, ou seja, a gente não identifica essa relação com a cultura quilombola nessa no profissional do Estado. E é isso. Então ele se distancia um certo pouco devidamente por ele seguir o conteúdo que vem estabelecido pelas diretrizes do estado (S1).

Dessa forma, a maioria dos sujeitos compreende que para que as práticas da cultura quilombola sejam implementadas na escola e nas aulas de Educação Física acaba se tornando uma escolha do professor buscar de alguma forma fazer a aplicação desses conteúdos. Entretanto, sabe-se que essa escolha não deveria ser do professor, mas uma orientação do próprio PPP. De todo modo, é preciso se retomar a discussão e iniciativas que promovam a vivência comunitária da cultura quilombola, e para a ARQUIA o trabalho desenvolvido na

escola tanto com o ensino fundamental como no Ensino Médio pode contribuir muito para que haja a presença da cultura quilombola no PPP.

De acordo com Cruz e Cosentino (2017) a educação indígena e a educação do quilombola do campo são conquistas recentes que produzem desestabilizações, entre as quais, a necessidade de legislações específicas e de programas próprios de financiamento e de formação docente, a ampliação das concepções de gestão da escola e a elaboração de currículos diferenciados. Todas essas políticas desafiam a estrutura do Estado e a forma como as instituições sociais se consolidaram para sustentar a autonegação identitária instaurada por séculos de repressão colonial, o que alguns autores denominam de racismo institucional.

Como já mencionado anteriormente, atualmente a escola conta com uma professora de Educação Física formada de dentro da comunidade que busca fazer esse resgate da cultura quilombola e implementar de alguma forma essas práticas corporais da cultura quilombola. Dessa forma, se percebe na prática da professora uma adequação as brincadeiras da cultura quilombola. No entanto, para ARQUIA muitas das vezes o profissional de Educação Física que atua nas comunidades quilombolas desconhece sua cultura e história, e em outros casos até mesmo aqueles que são da comunidade desconhecem. Vejamos na fala abaixo:

[...] Muitas das vezes o profissional de Educação Física que vem para as comunidades desconhece nossa cultura e história, mas também até aqueles que são da comunidade desconhecem, pois nós temos pessoas formadas da comunidade em Educação Física e também de outras áreas mais que quando você vai perguntar sobre a história da comunidade a cultura quilombola eles não sabem responder (S2).

Assim, fica evidente a importância de processos de formação continuada que deverão servir de fortalecimento do processo de ensino e aprendizagem nessas comunidades quilombola, como afirmam Santo e Lopes (2013, p.151):

É através dos processos de formação continuada que os professores terão acesso aos resultados de trabalhos desenvolvidos a fim de fortalecer as discussões sobre o processo de ensino e aprendizagem nos diferentes modelos educacionais, servindo de reflexão para que o currículo seja reavaliado pelas instituições de ensino, tanto no que se refere ao corpo de disciplinas ou nos demais aspectos.

Nesse contexto, Leite (1991), Gomes (2005) e Silva (2010) chamam a minha atenção quando pontuam que mais do que garantir escolas nas comunidades quilombolas, é necessário problematizar o direito a uma educação escolar que respeite e reconheça a história e cultura do negro. Essas questões precisam ser contempladas no currículo escolar e nas práticas pedagógicas das escolas. Além disso, é preciso que os educadores que atuam em instituições escolares reconheçam o seu direito à formação inicial e continuada. Para Gaia *et al.* (2021) estudos sobre as práticas corporais em comunidades quilombolas configuram-se como um

campo inesgotável de pesquisa. Investigações realizadas sobre essa temática podem contribuir para o acervo de práticas corporais dessas populações, considerando a tradição e a construção da identidade nacional. Os autores enfatizam ainda sobre a importância desse estudo para a consolidação de um novo entendimento das dinâmicas e relações sociais no cenário das comunidades quilombolas. Ainda segundo os mesmos,

Estudá-las seria uma forma de chegar à dimensão social das expressões, das manifestações e dos significados corporais, possibilitando a consolidação de um novo entendimento das dinâmicas e relações sociais no cenário das comunidades quilombolas. Notadamente, vale o registro de que não há história e memória construída se não houver estudos e pesquisas sobre ela realizados. A construção da identidade nacional, tanto de brancos, de indígenas, quanto de pardos, pretos ou negros se dá por meio do reconhecimento de nossas raízes. Somente por este âmbito que o sentido/significado de nacionalidade se constituirá (GAIA *et al.* 2021, p.16).

Portanto, os resultados nos apontam que é perceptível por parte dos sujeitos que apesar de pontuarem que compreendem a importância das práticas da cultura quilombola, principalmente de sua implementação no PPP da escola, existe ainda uma visão muito do senso comum por parte de alguns sujeitos entrevistados de que a Educação Física é uma disciplina que serve apenas como um momento de passa tempo e distração, ou seja, as aulas de Educação Física servem para que a criança saia do seu momento de stress das outras disciplinas e mantê-los quietos. Segundo Minayo (2012) o senso comum pode ser definido como um corpo de conhecimentos provenientes das experiências e das vivências que orientam o ser humano nas várias ações e situações de sua vida.

Em contrário ao que se comentou acima, Almeida e Betine (2015) ressaltam que há uma necessidade de um olhar voltado às variáveis que contribuem ou limitam a aprendizagem dentro das escolas. É preciso superar as tendências de orientar as ações pelo senso comum. Assim, Betini (2005) vai dizer que para que a escola, realmente, alcance os seus objetivos, é de fundamental importância que a construção e o acompanhamento do PPP estejam alicerçados em uma administração participativa, coletiva, em que as decisões sejam democratizadas e que o seu processo de avaliação e revisão seja uma prática coletiva constante, como oportunidade de reflexão para mudanças de direção e caminhos.

Interessante frisar ainda que para parte dos sujeitos entrevistados, manter a criança atualmente na escola, nas aulas de Educação Física tem se tornado um desafio muito grande por conta de tudo que vem sendo oferecido pela contemporaneidade, ou seja, a criança já está inserida com os meios eletrônicos, com a internet e isso faz com que o interesse pela escola e pelas atividades promovidas pelas aulas de Educação Física sejam perdidos. Então para parte dos sujeitos, se implementadas essas práticas da cultura quilombola dentro da escola pode ser

que elas colaborem para manter a criança na participação das atividades, já que são atividades diferenciadas, lúdicas.

6.4.4 A CONTRIBUIÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA PARA A CULTURA QUILOMBOLA

Nesse ultimo tópico, buscou-se compreender a partir da fala dos sujeitos a contribuição que a disciplina de Educação Física na Escola Quilombola Santo André pode oferecer para a difusão da cultura quilombola. Carvalho (2014) acredita no importante papel da Educação Física no processo de articulação do conhecimento da realidade, sendo importante o professor de Educação Física valorizar os saberes dos alunos, contribuindo na ressignificação desses conhecimentos e experiências.

Segundo ainda Betti e Zuliani (2002) a Educação Física e seus objetivos na escola devem ser repensados, com a correspondente transformação de sua prática pedagógica. Dessa forma, a Educação Física deve assumir a responsabilidade de formar um cidadão capaz de posicionar-se criticamente diante das diferentes formas de cultura. Assim, identificou-se que os espaços que a Escola Quilombola Santo André oferece para as aulas de Educação Física de acordo com a direção é o pátio da escola, um salão coberto dentro da escola, tem também a área descoberta que fica próximo a calçada da escola. Segundo ainda a direção existe uma parceria com a comunidade para que a escola possa fazer uso do campo de futebol que fica em frente à escola e também de uma quadra de areia que é de alguns moradores da comunidade. Então existe essa parceria pra que eles possam estar disponibilizando para a escola esses espaços, e assim quando precisarem da escola, ela possa também atender a solicitação deles.

A partir da análise, identificou-se como sendo geral por parte dos professores e direção da escola, que a contribuição da Educação Física para a cultura quilombola não depende só do pessoal atuante no ambiente escolar, é preciso que se tenha também o apoio da comunidade de um modo geral. Para um dos professores de Educação Física da escola, infelizmente este não recebe o devido apoio da comunidade para que desenvolva seu trabalho. Além disso, apesar da direção pontuar todos esses espaços que estão à disposição dos professores para ministrar suas aulas, o professor (S3) ressaltou que já ocorreram casos da aula de Educação Física ser interrompida por proprietários de uma das quadras dizendo que aquele espaço não poderia ser usado por ser um espaço privado. Sobre isso, o entrevistado pontuou:

[...] Então assim, até nisso a gente encontra essas barreiras com a própria comunidade, não custava nada deixar a gente tá fazendo nossas atividades lá, não custava nada, ai acontecesse isso, eu não vou passar por cima da autoridade do cara (S3).

Dessa forma, os sujeitos apontam encontrar barreiras com a própria comunidade para que as atividades da Educação Física pudessem acontecer. E, é geral por parte dos professores que se houver a comunicação entre comunidade e escola a disciplina de Educação Física só tem a crescer.

Para a ARQUIA a Educação Física tem uma importância muito grande na contribuição da difusão da cultura quilombola através de suas práticas pedagógicas, ou seja, fazendo essa busca na história e no modo de viver das comunidades quilombolas, com suas práticas esportivas, social e de como essas comunidades vivem a sua cultura. Pedroza *et al.* (2018) definem ser prioridade o desenvolvimento de propostas pedagógicas nos espaços escolares que problematizassem os saberes históricos advindos da cultura quilombola nas aulas de Educação Física. Isso porque, apesar das legislações que obrigam o trato desses conhecimentos nos currículos escolares, estes ainda são negligenciados nas práticas pedagógicas dos professores, em sua grande maioria, pela falta de saberes sistêmicos que subsidiem essas práticas pedagógicas. De acordo ainda com Gonçalves *et al* (2020), os currículos precisam construir uma identidade que vise fortalecer e desenvolver posturas críticas a partir das vozes dos povos tradicionais, quase sempre silenciadas, mesmo que seja clara a relevância da inserção das diversas culturas predominante do Brasil na aulas de Educação Física.

Dessa forma, a ARQUIA compreende que precisam haver metodologias com conteúdos voltados pra cultura afro-brasileira nas aulas de Educação Física na Escola Quilombola Santo André, principalmente a capoeira que é uma das práticas corporais da cultura quilombola mais vivenciada pelo povo negro, que infelizmente de acordo com o sujeito 2 pouco se vê dentro das comunidades quilombolas. Um dos entrevistados frisa que:

[...] Na importância da elaboração de conteúdos voltados pra cultura afro-brasileira, principalmente voltado a capoeira que é uma das vamos dizer assim, das culturas mais aplicada tanto pelo povo negro da zona urbana e que a gente não vê muitas das vezes isso dentro das comunidades rurais, eu presencio muito isso, eu vejo grupos de capoeira se reunindo dentro das grandes metrópoles em cidades de pequeno porte, mas dentro das escolas das comunidades quilombolas (S2).

Logo, identificou-se na fala que a Educação Física tem um papel fundamental em possibilitar o resgate dessas práticas e fazer com que a comunidade do Baixo Itacuruça possa ter contato com as mesmas, que são realidades da cultura quilombola e que precisam ser conhecidas. Sobre isso, assim se pronunciou um dos entrevistados

[...] Eu vejo que através da Educação Física pode haver a questão do resgate do modo de viver das comunidades quilombolas, olhando a prática esportiva, social e de como a gente vive e da questão cultural é de extrema importância

principalmente na elaboração de conteúdos voltados pra cultura afro-brasileira, porque isso não pode ser esquecido né nem visto como uma cultura irrelevante de certo modo (S2).

A cultura quilombola, como muito bem pontua a maioria dos sujeitos, não pode cair no esquecimento, e ser vista como uma cultura irrelevante. E acrescentam ser fundamental para a Educação Física fazer esse resgate e valorização da cultura quilombola. De acordo com Neira (2011) uma proposta de Educação Física engajada na luta pela transformação social prestigia, desde seu planejamento, procedimentos democráticos para a decisão dos temas de estudo e atividades de ensino; valoriza experiências de reflexão crítica das práticas corporais do universo vivencial dos alunos para, em seguida, aprofundá-las e ampliá-las mediante o diálogo com outras representações e manifestações corporais. Dessa forma, a maioria dos sujeitos entrevistados compreende que para que a Educação Física possa auxiliar na difusão da cultura quilombola, é preciso que haja um estudo, ou seja, pesquisado e estudado sobre a cultura brasileira de como o povo quilombola resistiu, suas práticas esportivas e toda sua expressão corporal. Vejamos a fala do sujeito

[...] Elas deveriam ser primeiro estudada, pesquisada de acordo com primeiro levando em consideração a cultura brasileira de como o povo quilombola resistiu e depois vim pra fazer um estudo dentro da comunidade (S2).

Além do exposto acima, torna-se importante também buscar fazer um estudo dentro da comunidade quilombola em que o educador irá atuar, ou seja, saber como eram as atividades antes e agora no contemporâneo que as comunidades estão vivendo, mas sempre buscando trazer a cultura quilombola e fazendo essa unificação do passado com o presente. Isso é corroborado, quando vimos na fala de um dos entrevistados o seguinte

[...] Então faz uma pesquisa da comunidade e de como se organiza e olha o que já se foi no passado olhando sempre pro resgate cultural, olhando também pra modalidade de afrodescendente de dentro dessas comunidades que algumas têm e fazer esse resgate. Então fazer a unificação tanto do passado quanto do presente e fazer uma aplicação dessas metodologias mais sofisticadas mais ao mesmo tempo fazendo o resgate. Então a gente pode aproveitar a Educação Física pra fazer esse resgate (S2).

Também observamos que parte dos sujeitos compreende que é necessário que essa discussão da cultura quilombola e a vivência das práticas corporais quilombolas sejam feitas desde o ensino fundamental, para que quando chegue no Ensino Médio não seja visto como algo novo. Senão, vejamos essa fala:

[...] A meu ver deveria já ser conscientizado desde o fundamental pra que a gente não possa tá lutando contra fatos que possam descriminalizar né olhar diferenciado pra essas atividades (S2).

Portanto, compreende-se que no contexto educacional, a Educação Física, pode colaborar diretamente na promoção e difusão da cultura quilombola. Pois de acordo com

Ferreira e Felzke (2021) a disciplina de Educação Física é responsável pelo trabalho com as práticas corporais, que expressam os caracteres de uma determinada cultura, identificados em diversas sistematizações de movimentos corporais, tais como a dança, a luta, a ginástica, dentre outros. Essas práticas corporais apontam para uma educação específica do corpo e que está atrelada a concepção de pessoa presente em uma determinada sociedade. De acordo com Lorenzetto e Matthiesen (2008) corremos o risco de trabalhar de forma reducionista na Educação Física se privilegiamos apenas alguns conteúdos da área, como os relacionados aos esportes tradicionais, ao treinamento e os praticados pelas classes elitizadas.

Parte dos sujeitos entrevistados ressaltou que através das práticas da Educação Física e das apresentações de dança que acontecem em períodos festivos da escola, como festa junina e o dia da Consciência Negra, é possível de se perceber que os alunos estão perdendo a vergonha de se expressar de se movimentar. Mas ainda é um desafio muito grande fazer a inclusão dessas práticas da cultura quilombola na escola. Todavia, Lorenzetto e Matthiesen (2008) apontam ser necessário que a Educação Física estabeleça novos limites para romper as fronteiras criadas tradicionalmente, garantindo-lhe espaço para outras práticas como as práticas corporais da cultura quilombola. Para Gonçalves *et al.* (2020) a Educação Física enquanto área do conhecimento tem o papel de possibilitar uma compreensão de mundo diferenciada, para que a partir disso os estudantes possam imprimir mudanças nas formas com que se relacionam com outras culturas.

7 CONCLUSÃO

O presente trabalho procurou apresentar de modo geral, como as práticas da cultura quilombola estão ou não percebidas nas aulas de Educação Física e no cotidiano da Escola Quilombola Santo André da comunidade quilombola do Baixo Itacuruça, além de buscar apontar como as práticas da cultura quilombola são compreendidas e vivenciadas por sujeitos responsáveis pelo processo educativo na comunidade. Dessa forma, acreditamos que este trabalho apresenta questões importantes para reflexões do significado das práticas corporais da cultura quilombola na Escola Quilombola Santo André no município de Abaetetuba.

Sugere-se ainda a importância de refletir, enquanto pesquisadores e professores, sobre o papel que cabe a cada um de nós na formação de pessoas que dê conta de contribuir na valorização da cultura afro-brasileira. Ao analisar os resultados pode-se dizer que as práticas corporais da cultura quilombola apontadas pela maioria dos sujeitos nas aulas de Educação Física na escola são algumas danças, brincadeiras e o futebol. Entretanto, identificou-se ainda

que boa parte dessas atividades acontecem apenas em momentos comemorativos ou em datas como o dia da consciência negra.

Apesar dos avanços no marco regulatório que obriga a tematização dos saberes próprios da cultura quilombola na escola como a Lei Federal nº 10.639/03, que tornou obrigatório o ensino da cultura afro-brasileira e africana, a ausência de material didático-pedagógico que auxilie na mediação desse processo de mudança da cultura escolar é ainda fator preponderante. São, pois, necessárias transformações nos currículos de formação de professores, na formação continuada e de suporte teórico-metodológico das instituições de ensino para repensar seus projetos pedagógicos. E isso implica na reestruturação da organização do trabalho pedagógico, demandando, necessariamente, a mobilização de mais pesquisas voltadas a inclusão das práticas corporais da cultura quilombola não só dentro das comunidades mais até mesmo fora. Consequentemente, a prática pedagógica deve articular-se ao contexto de vida comunitária; apresentar condições para que sejam experimentadas e interpretadas as formas como a cultura corporal é representada no cenário social; ressignificar as práticas corporais conforme as características do grupo; aprofundar os conhecimentos acerca do patrimônio cultural corporal; e ampliar os saberes dos alunos a respeito das temáticas estudadas (NEIRA, 2011).

Logo, os resultados da pesquisa apontam ainda para a importância da escola na difusão de saberes tradicionais, que são oriundos de determinados grupos sociais, como o povo quilombola, e que, muitas vezes, são excluídos dos ambientes de ensino formal, o que contribui para a perpetuação de condutas desrespeitosas e discriminatórias contra esses grupos sociais. Nesse contexto, a Educação Física pode colaborar de forma significativa, visto que a disciplina é responsável pelo estudo do corpo e suas práticas, e que no caso do povo quilombola, possui papel central na sua organização. Nesse sentido, Ferreira e Felzke (2021) ressaltam que a diversidade étnica presente na sociedade brasileira e o desafio que envolve a interação entre os diferentes grupos, convida-nos a refletir a respeito das ações empreendidas no ambiente educacional. O que fazemos em nossa prática pedagógica acarretará em uma menor ou maior aceitação e valorização das diferentes culturas. Dessa forma, é imprescindível que analisemos a forma como estamos tratando a diversidade, para que organizemos ações pedagógicas mais efetivas.

Acredita-se que este trabalho apresenta questões importantes para reflexão sobre a importância da inserção e do conhecimento das práticas corporais da cultura quilombola nas aulas de Educação Física. Também sugere a importância da reflexão, como cientistas e professores, sobre o papel de cada um de nós na formação de sujeitos capazes de contribuir

para a valorização da cultura afro-brasileira. Dessa maneira, fica a reflexão de que todos nós atuantes nos sistemas educativos, coparticipantes da formação dos sujeitos que irão exercer os papéis sociais futuramente, detemos responsabilidade em concebermos um processo formativo que reconheça e valorize a diversidade cultural existente em nosso país, para que as relações estabelecidas entre sujeitos oriundos de culturas diferentes se constituam em uma oportunidade de crescimento mútuo.

Portanto, vislumbra-se que esta pesquisa possa ser uma possível contribuição para o avanço de produções acadêmicas que defendam um currículo dentro das escolas em comunidades quilombolas que contemple sua cultura, principalmente a partir da disciplina de Educação Física.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, A.J.M; ALMEIDA, D.M.F; GRANDO, B.S. **As práticas corporais e a educação indígena:** a contribuição do esporte nos jogos dos povos indígenas. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Florianópolis, v. 32, n. 2, pp. 59-74, 2010.

ALMEIDA, Luana Costa; BETINI, Geraldo Antonio. **Investigação sobre a escola e seu entorno:** Estudo bibliográfico de produções nacionais. Revista de Educação Pública, v. 24, n. 55, p. 33-56, 2015.

ALMEIDA, Dulce Maria Filgueira de et al. **Atividades físicas e esportivas e populações tradicionais.** In: Programa das Nações Unidas (PNUD). Relatório de Desenvolvimento Humano Nacional. Movimento é Vida: Atividades Físicas e Esportivas para Todas as Pessoas. Brasília, 2017. p.40-57.

BAHIA, Norinês Panicacci. **Formação de professores em serviço:** fragilidades e descompassos no enfrentamento do fracasso escolar. Educação e Pesquisa, v. 35, p. 317-329, 2009.

Bardin L. L, **Analyse de contenu.** Editora: Presses Universitaires de France, 1977.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações determinadas pelas Emendas Constitucionais de Revisão nos 1 a 6/94, pelas Emendas Constitucionais nos 1/92 a 91/2016 e pelo Decreto Legislativo no 186/2008. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2016, 496 p.

_____. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <www.ftp.fn.de.gov.br/web/siope_web/lei_n9394_20121996.pdf>. Acesso em 22/02/2022.

Congresso Nacional. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional LDBEN nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília: Diário oficial da União, de 23/12/2006.

BRACHT, Valter. **Aprendizagem social e Educação Física.** Porto Alegre: Magister, 1992.

BRACHT, V. **A constituição das teorias pedagógicas da educação física.** Cadernos Cedes, ano XIX, nº 48, Agosto/1999.

BRACHT, Valter. **Esporte na escola e esporte de rendimento.** Movimento (Porto Alegre), Porto Alegre, v. 06, n.12, p. XIV-XXIV, 2000.

BRACHT, V. **Cultura Corporal, Cultura de Movimento ou Cultura Corporal de Movimento?** In: Souza Júnior, M. Educação Física Escolar: teoria e política curricular, saberes escolares e proposta pedagógica. Recife: EDUPE, 2005. p. 97- 106.

BETTI, M. **Valores e finalidades na Educação Física escolar:** uma concepção sistêmica. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v.16, n.1, p.14-21, 1994.

BETTI, M. **A janela de vidro:** esporte, televisão e educação física. São Paulo: Papirus, 1998.

BETTI, I. C. R. **Esporte na escola; mas é só isso professor?.** Revista Motriz, v.1, n.1, p. 25-31, jun., 1999.

BETTI, Mauro; ZULIANI, Luiz Roberto. **Educação física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas.** Revista mackenzie de educação física e esporte, v. 1, n. 1, 2002.

BEZERRA, Maria dos Remédios. **Associativismo Rural:** estratégia de participação dos agricultores familiares para afirmação e defesa dos seus direitos no mercado. Jornada Internacional de Políticas Públicas. Cidade Universitária da Universidade Federal do Maranhão, 2013.

BIANCHIN, E. J. O. **A motivação no ensino da educação física.** Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2011.

BRASIL. DECRETO Nº 9.235, DE 15 DE DEZEMBRO DE 2017. LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996. Brasília, DF, dezembro 1996. Disponível em: <https://gov.br/>. Acesso em: 04 maio 2022.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. **Cotidiano escolar e práticas interculturais.** Cadernos de Pesquisa, v. 161, p. 802-820, 2016.

CARDOSO, Eduardo Bruno Pinheiro *et al.* **Movimentos corporais e trajes na comunidade quilombola do semiárido brasileiro:** elementos contribuintes para educação física. Revista Interdisciplinar , v. 12, n. 4, pág. 56-64, 2019.

CARRIL; L. F. B. **Os desafios da educação quilombola no Brasil:** O território como contexto e texto. Revista Brasileira de Educação v. 22 n. 69 abr.-jun 2017.

CAROSO, C., *et al.* **Paisagens, memória e identidade:** vulnerabilidade socioambiental do patrimônio cultural quilombola. Acesso Livre n. 9 jan.-jun. 2018.

CARVALHO, Heloisa Ivone da Silva de. **Práticas corporais nas comunidades quilombolas:** Significados das manifestações culturais na escola de Monte Alegre. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória 2014.

CASTELLANI FILHO, L.; CARVALHO, Y. M. **Ressignificando o esporte e o lazer nas relações com a saúde.** In: CASTRO, A.; MALO, M. (orgs.). SUS: Resignificando a Promoção da Saúde. São Paulo: Hucitec/Opas, 2006.

CONTI, L. C. F.; PALMA, A. P. T. V. **Educação Física na escola e a afetividade:** a construção do autorrespeito. Revista do centro de educação: educação, Santa Maria, v.41, n.1, p. 237-250, jan./abr., 2016.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino de Educação Física.** São Paulo: Editora Cortez, 2012.

CRUZ, Ana Cristina; COSENTINO, Tatiane. **Educação em comunidades remanescentes de quilombos:** implicações políticas e curriculares. *Revista Contemporânea de Educação*, 2017, vol. 12, no 23, p. 161-174.

DARIDO, Suraya Cristina. **Educação Física na escola:** questões e reflexões. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

DARIDO, Suraya Cristina. **Os conteúdos da educação física na escola. Educação Física na escola:** implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005, p. 64-79.

DOS ANJOS, R. S. A. **Territórios das comunidades remanescentes de antigos quilombos no Brasil – primeira configuração espacial**. 3. ed. Brasília: Mapas Editora e Consultoria, 2005.

ETO, Jorge; NEIRA, Marcos Garcia. **Educação Física na Educação do Campo: possibilidades de um currículo multicultural numa escola de assentamento**.

FERREIRA, Fabrício Gurkewicz; FELZKE, Lediane Fani. **As contribuições do estudo das corporalidades indígenas para estudantes de escolas não indígenas**: Contributions to the study of indigenous corporealities for students of non-indigenous schools. *Revista Cocar*, v. 15, n. 32, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, D. B.; SILVA, J. M.; GALVAO, E. **A relação do lazer com a saúde nas comunidades quilombolas de Santarém**. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, vol. 30, n.º 2, jan., 2009.

FREITAS, L. C. *et al.* **Dialética da inclusão e da exclusão**: por uma qualidade negociada e emancipadora nas escolas. In: *Escola Viva: elementos para a construção de uma educação de qualidade social*. GERALDI, C. M. G.; RIOLFI, C. R.; GARCIA, M. F. Campinas: Mercado de Letras Edições e Livraria Ltda., 2004.

FURTADO, Renan Santos. **Práticas corporais e educação física escolar: sentidos e finalidades**. *Corpoconsciência*, p. 156-167, 2020.

FURTADO, M. B.; PEDROZA, R. L.; ALVES, C. B. **Cultura, identidade e subjetividade quilombola**: uma leitura a partir da psicologia cultural. *Psicologia & Sociedade*. Minas Gerais, v. 26, p. 106-115. 2014.

GAIA, Paulino Pinheiro, *et al.* **Práticas corporais quilombolas**: Um estudo da produção acadêmica na educação física. *Movimento*, 2021, vol. 27.

GONÇALVES, Ludmilla Silva *et al.* **Currículo, Diversidade Étnico-Raciais e Educação Física**. *Brazilian Journal of Development*, v. 6, n. 12, p. 102838-102852, 2020.

GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil**: uma breve discussão. *Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03*. Brasília: MEC/SECAD, 2005.

GOMES, Núbia Pereira de Magalhães; PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Negras raízes mineiras**: os Arturos. Juiz de Fora/MG: Ministério da Cultura/EDUFJF, 1988.

GONZALEZ, J. F; DARIDO, S. C; OLIVEIRA, A. A. B. **Lutas, capoeira e práticas corporais de aventura**. Maringá: Eduem, 2014.

GOULART, Milainy Ludmila Santos; DA SILVA, Otavio Guimaraes Tavares. **Práticas corporais, comunidades quilombolas e identidade**: uma revisão narrativa. *Retos: nuevas tendencias en educación física, deporte y recreación*, 2021, 42: 406-417.

GUIMARÃES; A. L. R. **As práticas corporais nas guardas do congo e moçambique da comunidade Quilombola dos arturos e as aulas de Educação Física escolar**. Dissertação de Mestrado. São João Del Rei 2014.

GUEDES, Neide Cavalcante. **A importância do Projeto Político Pedagógico no processo de democratização da escola.** Ensino em Perspectivas, v. 2, n. 2, p. 1-15, 2021.

HOLANDA, Aline Pereira; DIALLO, Cintia Santos. **A cultura quilombola no olhar dos professores de Educação Física de uma Escola da Rede Estadual de Dourados-Ms.** Anais do Seminário Sul-Mato-Grossense em Educação, Gênero, Raça e Etnia, v. 2, n. 2, 2019.

IMPOLCETTO, Fernanda Moreto *et al.* As práticas corporais alternativas como conteúdo da educação física escolar. **Pensar a Prática**, v. 16, n. 1, 2013.

LAZAROTTI FILHO, A. *et. al.* **O termo práticas corporais na literatura científica brasileira e sua repercussão no campo da Educação Física.** Movimento, Rio Grande do Sul, v.16, n.1, p. 11-29, jan./mar., 2010.

LEITE, Ilka Boaventura (Org.). **Terras e territórios de negros no Brasil.** Santa Catarina: Editora UFSC, 1991.

LORENZETTO, L. A.; MATTHIESEN, S. Q. **Práticas Corporais Alternativas.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.

MATTOS, Pedro Lincoln, C. L. de. **A Entrevista Não-estruturada como Forma de Conversação:** razões e sugestões para sua análise. Revista de Administração Pública, v. 39, n. 4. Rio de Janeiro, 2005, p. 823-847.

MAROUN, Kalya. **Corpo, educação e identidade em comunidades quilombolas.** Educação Unisinos, v. 25, p. 1-16, 2021.

MAUSS, Marcel. **As técnicas do corpo.** In: MAUSS, Marcel. Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2003, p. 399 - 422.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social:** Teoria, método e criatividade. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento.** Pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo. Hucitec; 2006.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Análise qualitativa:** teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & saúde coletiva**, v. 17, p. 621-626, 2012.

MIRANDA, S. A. **Educação escolar quilombola em Minas Gerais:** entre ausências e emergências. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro: ANPED; Campinas: Autores Associados, v. 17, n. 50, p. 369-498, maio/ago. 2012.

NASCIMENTO, M. Cardoso. **Comunidades Quilombolas África e Laranjituba:** um estudo das práticas e fenômenos que constituem sua gestão territorial tradicional. Dissertação de Mestrado. UNB-Brasília, 2017.

NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. **Pedagogia da cultura corporal:** crítica e alternativas. São Paulo: Phorte, 2006.

OLIVEIRA, R. C. (2006). **Caminhos da Identidade:** Ensaio sobre etnicidade e multiculturalismo. São Paulo: UNESP.

OLIVEIRA, Ana Amélia Neri. **Entre o rio e o mar:** práticas corporais e cotidiano na Comunidade Quilombola do Cumbe. 2018.

PAES, Roberto Rodrigues. **Educação Física Escolar: o esporte como conteúdo pedagógico no ensino fundamental.** (Tese de Doutorado). Campinas: UNICAMP, 1996.

PAIVA, Marlla Rúbya Ferreira *et al.* **Metodologias ativas de ensino-aprendizagem: revisão integrativa.** SANARE-Revista de Políticas Públicas, v. 15, n. 2, 2016.

PEDROZA, Reigler Siqueira *et al.* **Comunidades quilombolas e educação fundamental: o ensino das brincadeiras de folia (curraleira) nas aulas de educação física escolar.** Revista Polyphonia, v. 29, n. 1, 2018.

PEREIRA, Cristiane. **Narrativas Compartilhadas em uma Instituição de Ensino de Comunidade Quilombola: Preservação e Sistematização de Práticas Culturais.** 2020.

PRANDINA; M.Z, SANTOS; M . L. **A Educação Física escolar e as principais dificuldades apontadas por professores da área.** Horizontes – Revista de Educação, Dourados, MS, v.4, n.8, julho a dezembro 2016.

QUEIROZ, M. I. P. **Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”.** In: VON SIMSON, O. M. (org. e intr.). Experimentos com histórias de vida (Itália-Brasil). São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, Enciclopédia Aberta de Ciências Sociais, v.5, 1988. p. 68-80.

SANTOS, HMN; LOPES, E T. **O currículo na educação escolar indígena: uma análise de pesquisas sobre o tema.** In: Revista Fórum Identidades, Itabaiana: Gepiadde, Ano 07, v. 14, jul./dez, 2013

SANTOS, J. M. C. T. ; OLIVEIRA, E. J. ; MARTINS, G. P. C. **Educação quilombola e currículo escolar: olhares sobre a prática educativa no contexto escolar.** Educação, Cultura e Sociedade , v. 9, p. 51-66, 2019.

SCHMITT, Alessandra; TURATTI, Maria Cecília Manzoli; CARVALHO, Maria Celina Pereira de. **A atualização do conceito de quilombo: identidade e território nas propostas teóricas.** Ambiente & Sociedade , p. 129-136, 2002.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. **A educação popular no Brasil: a cultura de massa.** Revista Usp, n. 61, p. 58-77, 2004.

SILVA, M.F.G; SOUZA NETO, S; BENEVIDES, L.C. **A Capoeira como Escola de Ofício.** Motriz rev. educ. fís. v.15-n.4 – 2009.

SILVA, Ana Márcia; FALCÃO, José Luiz Cirqueira. **Manifestações da Cultura Corporal em Comunidades Quilombolas: Um Acervo Inicial No Estado de Goiás.** 2010.

SILVA, Maria Cecília de. **A Lei nº 10.639/03 e a Educação Física: memórias e reflexões sobre a educação eugênica nas políticas de formação de professores.** EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires, Ano 15, nº 146, Jul. 2010.

SILVA, George; MELO, S. F. B. **Análise religiosa e cultural das comunidades quilombolas na atualidade.** Anais Eletrônicos do V Colóquio de História “Perspectivas Históricas: historiografia, pesquisa e patrimônio; Pernambuco, Brasil, p. 1371-1384, 2011.

SILVA, Ana Márcia; FALCÃO, José Luiz Cirqueira. **Práticas corporais na experiência quilombola: um estudo com comunidades do estado de Goiás/Brasil.** 2012.

SILVA, Ana Márcia. **Entre o corpo e as práticas corporais**. Arquivos em movimento, v. 10, n. 1, p. 5-20, jan./ jun., 2014.

SILVA, Andressa Hennig; FOSSÁ, Maria Ivete Trevisan. **Análise de conteúdo**: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. Qualitas Revista Eletrônica, v. 16, n. 1, 2015.

SOARES, C. L. **Educação física escolar**: conhecimento e especificidade. Rev. Paul. Educ. Fís., São Paulo, supl. 2, p. 6-12, 1996.

SOUZA, Thaís Godoi de; LARA, Larissa Michelle. **O estado da arte de comunidades quilombolas no Paraná**: produção de conhecimento e práticas corporais recorrentes. Revista de Educação Física/UEM, v.22, n.4, p.555-568, dez. 2011.

TANI, G.; MANOEL, E. DE J; KOKUBUN, E, PROENÇA, J. E. **Educação Física escolar**: Fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista. São Paulo: EPU: EdUSP, 1988.

TURATO E. R. **Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde**: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. Revista de Saúde Pública, 2005. Jun. 39(3):507- 14.

VELOSO, Kaio Henrique Marques; COSTA, Célia Regina Bernardes. **Educação Física escolar na promoção da Saúde**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo Do Conhecimento. Ano 01, Ed. 01, Vol. 10, Pp. 186-199. Novembro de 2016. ISSN: 2448- 0959

VENÂNCIO, Luciana; DARIDO, Suraya Cristina. **A educação física escolar e o projeto político pedagógico**: um processo de construção coletiva a partir da pesquisa-ação. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, v. 26, p. 97-109, 2012.

VIDEIRA, Piedade Lino. **Batuques, folias e ladainhas**: a cultura do quilombo do Cria-ú em Macapá e sua Educação. Fortaleza: Edições UFC, 2013.

ANEXO I

ROTEIROS DE ENTREVISTA

ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS PROFESSORES

GENÊRO M () F ()

FORMAÇÃO

ANO DE FORMAÇÃO

INSTITUIÇÃO FORMADORA

PÓS-GRADUAÇÃO CASO SIM QUAL? _____

TEMPÓ DE ATUAÇÃO NA EDUCAÇÃO

TEMPO DE EXPERIÊNCIA NA COMUNIDADE

MORA NA COMUNIDADE: SIM () NÃO ()

1- QUE PRÁTICAS CORPORAIS ESPECIFICAS DA CULTURA QUILOMBOLA O SENHOR (A) CONHECE?

2- COMO AS PRÁTICAS DA CULTURA QUILOMBOLA SÃO RELIZADAS NA ESCOLA?

3- QUAL PARTICIPAÇÃO OS MEMBROS DA COMUNIDADE TEM NA VIVÊNCIA DAS PRÁTICAS CORPORAIS QUILOMBOLA NA ESCOLA?

4- COMO AS PRÁTICAS DA CULTURA QUILOMBOLA INTREGAM A DISCIPLINA DA EDUCAÇÃO FÍSICA?

5- QUAL É RELAÇÃO ENTRE AS PRÁTICAS CORPORAIS DA CULTURA QUILOMBOLA REALIZADAS NAS AULAS DE EF E O PROJETO PEDAGOGICO DA ESCOLA?

6- QUE CONTRIBUIÇÃO A DISCIPLINA/AS AULAS DE EF PODE TER PARA A CULTURA QUILOMBOLA?

ROTEIRO DE ENTREVISTA DIRETOR DA ESCOLA

GENÊRO M () F ()

FORMAÇÃO

TEMPO DE FOPRMAÇÃO

INSTITUIÇÃO FORMADORA

PÓS-GRADUAÇÃO, CASO SIM QUAL?

TEMPÓ DE ATUAÇÃO NA EDUCAÇÃO

TEMPO DE EXPERIÊNCIA NA COMUNIDADE

MORA NA COMUNIDADE: SIM () NÃO ()

1- QUE PRÁTICAS CORPORAIS ESPECIFICAS DA CULTURA QUILOMBOLA O SENHOR (A) CONHECE?

2- COMO AS PRÁTICAS DA CULTURA QUILOMBOLA SÃO RELIZADAS NA ESCOLA?

3- QUAL PARTICIPAÇÃO OS MEMBROS DA COMUNIDADE TEM NA VIVÊNCIA DAS PRÁTICAS CORPORAIS QUILOMBOLA NA ESCOLA?

4- COMO AS PRÁTICAS DA CULTURA QUILOMBOLA INTREGAM A DISCIPLINA DA EDUCAÇÃO FÍSICA?

5- QUAL É RELAÇÃO ENTRE AS PRÁTICAS CORPORAIS DA CULTURA QUILOMBOLA REALIZADAS NAS AULAS DE EF E O PROJETO PEDAGOGICO DA ESCOLA?

6- QUE CONTRIBUIÇÃO A DISCIPLINA/AS AULAS DE EF PODE TER PARA A CULTURA QUILOMBOLA?

7- A ESCOLA DESENVOLVE PROJETOS VOLTADOS A CULTURA QUILOMBOLA QUE INTEGRAM TODA A COMUNIDADE ESCOLAR?

ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA O REPRESENTANTE DA ARQUIA

GENÊRO:

IDADE:

FORMAÇÃO:

TEMPO A FRENTE DA ARQUIA:

JÁ EXERCEU ESSA OU OUTRA FUNÇÃO ANTES NA ARQUIA?

QUAL A RELAÇÃO DA ARQUIA COM A ESCOLA?

1- QUAL A IMPORTÂNCIA QUE O SENHOR DA À VIVÊNCIA DA CULTURA QUILOMBOLA NA ESCOLA?

2- DENTRO DAS POSSIBILIDADES DA ESCOLA CONTRIBUIR PARA A DINÂMICA DA CULTURA QUILOMBOLA. QUAL O SENHOR ACREDITA SER A FUNÇÃO DAS AULAS DE EF?

3- COMO O SENHOR AVALIA QUE A EF VEM DANDO A SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A DINAMICA DA CULTURA QUILOMBOLA?

4- COMO O SENHOR ACREDITA QUE DEVERIAM SER AS AULAS DE EF PARA AUXILIAR MAIS NA DIFUSÃO DA CULTURA QUILOMBOLA?

ANEXO II



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Convidamos o (a) Sr (a) para participar da Pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso – TCC intitulado “Educação Física Escolar e Cultura Quilombola: Um diagnóstico do Ensino das Práticas Corporais na Escola Quilombola Santo André em Abaetetuba-PA e suas relações com a Cultura Quilombola” do discente Jonas Gomes Pinheiro do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Pará – UFPA Campus Belém, sob a orientação do Professor Dr. Carlos Nazareno Ferreira Borges.

Sua participação é extremamente importante para que eu consiga desenvolver e concluir minha pesquisa com êxito, sua presença será voluntária e se dará por meio da gravação feita da conversa ocorrida, não há riscos decorrentes de sua participação perante a pesquisa de modo que estará garantida a sua integridade.

Os resultados da gravação serão analisados e usados no meu trabalho de conclusão de curso que será apresentado à Faculdade de Educação Física, do Instituto de Ciências da Educação – ICED, como requisito final de conclusão de curso para obtenção de grau de Licenciado em Educação Física, pela Universidade Federal do Pará.

Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com o responsável da pesquisa **Jonas Gomes Pinheiro** no endereço virtual profissional: jonasitacuruca@gmail.com ou pelo telefone **91987439688**.

Consentimento Pós-Informação

Eu, _____, fui informado sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar da pesquisa. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

Data: ____/____/____

Assinatura do participante

Assinatura do Pesquisador Responsável